



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ELISA GONÇALVES RODRIGUES

**Antropologia Mortuária:
Sentimentalismo contemporâneo acerca da morte**

Belém – PA
2020

ELISA GONÇALVES RODRIGUES

**Antropologia Mortuária:
Sentimentalismo contemporâneo acerca da morte**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal do
Pará como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau
de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Renata de
Godoy.

Belém – PA

2020

Antropologia Mortuária
Sentimentalismo contemporâneo acerca da morte

Elisa Gonçalves Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará sob orientação da professora Dra. Renata de Godoy.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Renata de Godoy (Orientadora)
FACS/PPGA - UFPA

Profa. Dra. Telma Amaral (Examinadora interna)
FACS/PPGSA - UFPA

Apresentado em: 21/11/2020

Dedico esta monografia à minha mãe, Silmara, por me dar a mão, e ao meu pai, Elias (in memoriam), por me fazer notar que a morte ampara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Renata de Godoy, pelo olhar cuidadoso e por ser mais que orientadora, amiga e companheira, pelo diálogo constante e pela alma humana que sempre andou lado a lado com a sua profissão de docente, exercida com extrema competência antropológica.

À Prof^a. Dr^a. Telma Amaral, por aceitar participar da banca avaliadora, e por em sala, tantas vezes, me mostrar que a sensibilidade é fundamental para tocar a Antropologia.

Aos amigos que levo para a vida, Felipe Vasconcelos e Gleidson Gomes, por terem feito todos os trabalhos da graduação ao meu lado, pelo colo e ombro amigo, pelo apoio mútuo em dias de angústia, respeito e, principalmente, pelos ensinamentos e risadas incontáveis. A caminhada foi menos árdua ao lado de vocês.

Aos colegas da turma de Ciências Sociais 2016, por em várias vezes nestes quatro anos, dividirem a vida e uma parte de si comigo, até em momentos que eu não podia receber isto, em especial ao Lucas Navegantes, Patrik Nogueira, Wladson Gerhardt, Letícia Cardoso, Amanda Cruz, Nathália Santos, Joranny Gomes, Natália Silva e João Noronha.

Aos professores da Faculdade de Ciências Sociais que contribuíram genuinamente para minha formação: Prof^o. Dr^o. Romero Ximenes, Prof^a. Dr^a. Érica Quinágua, Prof^a, Dr^a. Bárbara Lou, Prof^a. Dr^a. Patrícia Santos, Prof^a. Ms. Hecilda Veiga e Prof^a. Ms. Suelene Pavão.

Aos chefes de estágio, que se tornaram amigos e companheiros: Roberta Nascimento e João Marcelo.

Aos meus amigos que me acompanham na jornada da vida: Yan Alessandro e Angelina Pinheiro.

E por fim, agradeço à minha querida mãe Silmara, meu irmão Israel, meu padrasto Emílio e Professor Henrique por todo carinho e contribuição.

(...) a morte não tem "ser"; (...) embora a morte não tenha "ser", não deixa por isso de ser real, ela acontece (...).

Edgar Morin (1988:26)

RESUMO

A seguinte monografia tem como objetivo analisar a morte através da abordagem da Antropologia das Emoções e apontar como estes sentimentos são interpretados e aceitos coletivamente, socialmente e institucionalmente. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa etnográfica usando como referência o cemitério Santa Izabel, em Belém/PA, onde realizei entrevistas, observação e registro fotográfico. Foi possível traçar um pequeno panorama de como a morte é sentida ou percebida por um grupo de 50 pessoas que representavam tipos diferentes de usuários daquele espaço, sendo que o Dia de Finados em 2019 foi escolhido para realização de toda a coleta dados, onde concluiu-se no hiato de dados e teorias que os sentimentos relacionados à morte configuram o indivíduo socialmente e suas emoções contemplam e justificam a interpretação da morte diante do individual e do coletivo. O trabalho pretende contribuir para compreender quais sentimentos se conectam com o pensamento imediato sobre a morte, seja em espaços fúnebres como o cemitério, seja na indústria funerária, e assim refletir sobre a padronização da morte e seus ritos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Morte; Antropologia das Emoções; Antropologia Urbana, Belém.

ABSTRACT

The following work aims to analyze death through the Anthropology of Emotions approach and to point out how feelings are interpreted and accepted collectively, socially and institutionally. For that, an ethnographic research was developed using the Santa Izabel cemetery as a reference, in Belém / PA, where I conducted interviews, observation and photographic record. It was possible to draw a small panorama of how death is felt or perceived by a group of 50 people who represented different types of users of that space, and the Day of the Dead in 2019 was chosen to carry out the entire data collection, where it is concluded in the gap of data and theories that the feelings related to death configure the individual socially and their emotions contemplate and justify the interpretation of death before the individual and the collective. The research intends to contribute to understand which feelings are connected with the immediate thought about death, whether in funeral spaces such as the cemetery, or in the funeral industry, and thus reflect on the standardization of death and its rites in contemporary times.

Keywords: Death; Anthropology of Emotions; Urban Anthropology; Belém.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sentimento identificado em um dos túmulos do cemitério Santa Izabel, dia 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	17
Figura 2 - Localização do cemitério Santa Izabel em relação aos pontos turísticos de Belém. Fonte: Adaptado Google Maps	18
Figura 3 - Elisa fazendo seu registro (mochila preta nas costas), foto de Renata de Godoy, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19	19
Figura 4 - Registro de ritual de devoção, preservando a intimidade dos visitantes, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	21
Figura 5 - Espaços segregados entre cristão e judeus, pela perspectiva do Cemitério Santa Izabel em Belém/PA, dia 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	28
Figura 6 - Categoria definida como vendedor/a, no entorno do cemitério Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	34
Figura 7 - Gráfico de variação entre os sentimentos listados por cada respondente. Fonte: Elisa Gonçalves	36
Figura 8 - Sepultura do início do século XX onde há registro de sentimento em relação ao ente que partiu, 02/11/19, fotos de Renata de Godoy	37
Figura 9 - Sepultura do início do século XX onde há registro de sentimento em relação ao ente que partiu, 02/11/19, fotos de Renata de Godoy	37
Figura 10 - Grupo de freiras em visita ao cemitério Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	39
Figura 11 - Gráfico que apresenta as respostas “medo, agonia, dor, tristeza, aflição” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves	40
Figura 12 - Gráfico que apresenta as respostas “perda, vazio, ausência” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves	41
Figura 13 - Gráfico que apresenta as respostas “naturalidade, passagem, paz, descanso, aceitação” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves	42
Figura 14 - Gráfico que apresenta a resposta “não pensa em morte” obtida no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves	43
Figura 15 - Grande contraste entre manutenção de jazigos e espaços no cemitério Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	44
Figura 16 - Grande contraste entre manutenção de jazigos e espaços no cemitério	

Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves	44
Figura 17 - Aglomeração de devotos no túmulo de Severa Romana, conhecida como milagrosa por estar grávida e ter sido assassinada, em 1900, a navalhadas, por se recusar a manter relações sexuais com o cabo Antônio Ferreira dos Santos. Fonte: Elisa Gonçalves	45
Figura 18 - Capela do cemitério Santa Izabel, com ricos elementos arquitetônicos e com valor histórico, mas em estado de abandono, 02/11/19, foto de Renata de Godoy	47
Figura 19 - Propaganda da SINAF seguros. Fonte: Site brasilatalento.blogspot.com	49
Figura 20 - Ritual registrado com alimento, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19, foto de Renata de Godoy	53

SUMÁRIO

Introdução: Qual o lugar da morte na sociedade contemporânea?	12
Capítulo 1: Observando a morte em Belém pré-pandemia.....	15
1.1 Iniciando o tema: justificativas e caminhos da pesquisa.....	15
1.2 Percorrendo os sentimentos: metodologia de pesquisa.....	18
Capítulo 2: A morte e a questão do sepultamento: alguns apontamentos	22
Capítulo 3: A Antropologia dos sentimentos e a morte: observando a Antropologia das Emoções através da morte em Belém/PA	33
Capítulo 4: A institucionalização da morte e a construção de seu mercado	46
Considerações finais	51
Referências Bibliográficas	56
Anexos	60

Introdução: Qual o lugar da morte na sociedade contemporânea?

Visando explorar um tabu da nossa sociedade, esta monografia pretende adentrar nos sentimentos e comportamentos relacionados à morte na atualidade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa etnográfica exploratória, a partir de um espaço fúnebre da cidade de Belém, capital do Pará: o cemitério Santa Izabel. A Antropologia das Emoções, abordagem que surgiu nos anos de 1980 na antropologia norte-americana, reflete sobre emoções como investigação autônoma na disciplina (VÍCTORA, COELHO 2019), e é a partir dela que esta pesquisa se desenvolveu.

Desde a origem da própria humanidade, o ser humano sempre buscou o significado de sua existência e, por buscar as respostas por seus questionamentos existenciais, muitas perguntas ficaram, e continuam até hoje, sem respostas; um desses dilemas transcendentais de difícil resolução é a morte.

Os estudos sobre a terminalidade do homem tornaram-se notáveis em pesquisas no início do século XX, as Ciências Sociais contribuem com a produção sobre a morte desde então, partindo das Ciências Humanas para a Antropologia, e as obras de Durkheim (1858–1917), Radcliff-Brown (1881-1955) e Mauss (1872-1950) foram o início da composição de uma linha de investigação etnográfica a respeito da relação do fim da vida (OIGMAN, 2007).

Faz-se então uma pausa produtiva e surge uma nova leva de intelectuais como Philippe Ariès e Norbert Elias, e já na década de 1960, os estudos retomam e dão espaço para mais pesquisa, na qual José Carlos Rodrigues (1983), no panorama brasileiro, e Koury (2005) mais tarde, alcançam a produção sobre a relação do homem com os sentimentos em suas especificidades, dentre eles a relação do sentimento do homem para com a morte, que fica suspensa por este período, pois os antropólogos acreditam ter acontecido uma mudança nesta relação, e portanto, este novo olhar poderia começar a ser investigado, isto é, a relevância e impacto social, cultural, individual e coletiva que a morte tem. (OIGMAN, 2007)

O Antropólogo Edgar Morin (1988) nos apresenta em *O homem e a morte* um traço sobre o fenômeno da morte e em como lidamos com este evento inevitável. As concepções apontadas na obra nos mostram como essa compreensão é exclusivamente humana. Para Morin, os animais não compreendem que existe um ciclo da vida em que há início, meio e fim, e portanto, o que vem depois da morte, os sentimentos, a angústia, a solidão, o luto, são provenientes somente da concepção

humana sobre o morrer.

O homem diante da morte é um ser consciente de suas limitações. Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão do século XIX, correspondente da escola existencialista de filosofia, foi um dos muitos que se debruçou sobre a temática da finitude do homem. Por não encontrar uma resposta conclusiva para o fenômeno, influenciou toda uma geração de pensadores que igualmente lançaram-se sobre a aventura de determinação racional da morte do ser. (SANTOS, 1996, p. 187)

A morte situa-se, atualmente, em um daqueles campos afetos ao tabu, temas que não podem ser discutidos ou debatidos por serem algo que causa estranheza ao ser humano, pois raramente alguém deseja a morte ou dedica a maior parte do seu dia a pensá-la. A morte nos causa, de fato, um estranhamento, repele nossos ânimos e nos leva a um estado de conformação, como Schopenhauer (2013) afirmava. Discutir sobre nossa transitoriedade é assunto que ninguém quer comentar, quer dizer, a nossa própria transitoriedade é um assunto que não deve ser mencionado, a não ser que seja a do outro, afinal, a morte é sempre a do outro e nunca, a nossa.

Além de Edgar Morin, antropólogos contemporâneos como José Carlos Rodrigues (2006) pesquisam e analisam os fenômenos considerados tabu. Discutir a morte sobre a perspectiva cultural é sempre interessante porque nos revela muito do nosso *ethos* e descobrimos que os dilemas e medos que rondam o assunto não são categorias do pensamento circunscritas apenas à sociedade ocidental.

Em qualquer cultura a morte tem um tratamento que lhe é específico; uns a consideram como um rito de passagem natural e, por isso, merece os cuidados que se podem ter com o falecido, desde que ele seja posto distante daqueles que permanecem vivos, enterrando-o em um cemitério ou cremando-o guardando suas cinzas em uma urna ornamentada. Em outras, o ato de se despedir e o lidar com este fim é sagrado, encarado com seriedade, com nostalgia, com respeito à memória de quem se foi. Isso se dá seja através de rituais elaborados ou não, visto que nem toda cultura acredita que para se despedir do outro é necessária uma reunião, a morte nos obriga a alguma reação.

Impura e mesmo perigosa, a morte é deveras um tabu. No ocidente, em geral, e no Brasil, em particular, morte e mortos conheceram simbólica, social e historicamente dos olhares o embotamento e do som do silêncio. (QUINÁGLIA SILVA, 2008, p.98).

De fato, a morte enquanto rito alegórico é encontrada mais em sociedades

indígenas, onde os costumes e a vida em comunidade são mais arraigados com os elementos da natureza; já a morte enquanto fatalidade é mais observada em sociedades cujos costumes são mais urbanizados, industrializados. (DAMATTA, 1979)

A segunda perspectiva, a das sociedades ocidentais, por visualizar a morte como algo polêmico, nos faz excluir determinados questionamentos, como o porquê a morte, além de ser considerada um tabu, é vista como algo trágico e, sendo algo trágico, como podemos lidar com o corpo sem vida? Neste sentido, o presente estudo tem o condão de discorrer mais acerca dessa temática.

Guerreiro (2014) analisa a religião como um alicerce para lidar com o mistério da morte, com a sua terminalidade e uma possível resposta para o que vem depois. Esse suporte seria fundamental para suportar passar pela morte, e o fator religião amortece essa sensação comum de perda e dor, pois, algumas das religiões encaram a morte como passagem, vida eterna, descanso, tranquilidade.

Daí que o homem tenha procurado nos mitos e na religião alguma resposta ou forma de explicar a Morte e, se possível, o seu sentido, num confronto da razão com uma experiência--limite. Seja qual for a sua origem sócio-geográfico-cultural, o homem não pode suportar a ideia de que, depois de morrer, não existe nada.

(...) como forma de luta contra o nada, socorreu-se de mitologias, ritos e outros processos mágicos e pragmáticos para transfigurar e ocultar a mudança na natureza do corpo, evitando confrontar-se com a sua decomposição, destruição irreversível que lhe revela a sua finitude. (GUERREIRO, 2014 p. 170)

Este discurso está muito presente na historicidade do homem, no entanto, este marcador religião não será tratado a fundo neste trabalho ou será um marco preciso, uma vez que o foco são os sentimentos que surgem à respeito do sentir a morte, e não de quais lentes, sejam elas religiosas ou sociais, se vê a morte.

Capítulo 1: Observando a morte em Belém pré-pandemia

1.1 Iniciando o tema: justificativas e caminhos da pesquisa

A morte do outro sempre nos é recorrente e quando ela ocorre sem laços, é mais natural ainda. No entanto, quando ela ocorre aqui, ao nosso lado, talvez seja um dos primeiros momentos em que pensemos sobre ela, sobre o que nós temos e o que ainda nos resta. A perspectiva que temos por hora é outra, durante a terrível crise que vivemos agora, na pandemia da Covid-19, infelizmente presenciamos a morte do outro sendo relativizada, milhares de perdas sendo naturalizadas.

A primeira vez que tive contato com a morte foi precisamente no dia primeiro de janeiro de 2012, quando perdi meu pai. Me deparei com vários sentimentos nesta ocasião; me senti vazia, sozinha, pois a figura paterna até pode eventualmente ser ocupada por alguém futuro, mas nunca de fato, seria o que poderia ser se seguíssemos o ciclo natural de tê-lo comigo durante a vida. Após este ocorrido, essa sensação me acompanha até hoje, provavelmente aguardando este momento para poder ser desembaraçada e compreendida, por fim, nesta pesquisa.

É importante deixar claro que o tema da pesquisa tem um peso pessoal e bem preciso, e foi sendo escrito e descrito da forma mais empática possível, por esta, ser a questão mais humana do fim e ser um momento latente de sentimentos intensos. Ao longo dos anos, enquanto estudante de Ciências Sociais, conquistei a oportunidade de pesquisar sobre algo que me acompanha há mais de sete anos, algo que me incomoda no sentido da descoberta da pesquisa. Me sinto implicada a descobrir o que fica, como fica.

Além das questões pessoais, em concordância com a minha orientadora, entendemos que o tema é importante, e não por acaso recebe atenções de pesquisadores no passado e atualmente. A partir de leituras como *Tabu da morte* (RODRIGUES, 1983), *Antropologia das emoções* (REZENDE, COELHO, 2010) e *Luto e Melancolia* (FREUD, 1996), me identifiquei com o tema no nível acadêmico. Ao estudar mais sobre o assunto, surgiu a ideia de pesquisar sobre os diversos sentimentos envolvendo a morte.

A pergunta de pesquisa foi: quais sentimentos associam-se à morte? Sabemos dos sentimentos que são comuns a maioria de nós, como medo e tristeza. Mas ao serem questionados, o que realmente os interlocutores irão expressar? Afinal, a morte

é um fato irrefutável e incontornável, portanto, como lidamos com este acontecimento?

A partir destas indagações, através de pesquisas secundárias, cheguei a ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, que congrega pesquisadores que investigam não só cemitérios, mas as diversas manifestações acerca da morte e do morrer no Brasil. É um espaço que agrega bibliografias que se dedicam a compreender o processo de morrer, luto e estudos cemiteriais, principalmente no campo da enfermagem, um dos principais campos férteis na área da saúde nesta temática. Depois de me familiarizar com a morte enquanto uma categoria de pensamento, pude visualizar melhor o que gostaria de escrever.

Assim, levando em consideração a perspectiva antropológica do fenômeno da morte, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar algumas questões culturais sobre a morte e o sepultamento e compreender os sentimentos relacionados à morte de seres humanos na contemporaneidade.

Salienta-se que o objetivo, entretanto, não é traçar ilações religiosas, filosóficas ou psicológicas do fenômeno da morte em si, mas identificar o sentido cultural (antropológico) dos sentimentos diante da morte e do sepultamento, e como estruturalmente e historicamente, isto foi construído no decorrer da linha histórica da humanidade.

Medo, saudade e tristeza seriam os sentimentos mais comuns associados à morte. Ao indagar interlocutores, ou ao observar seu comportamento diante dos rituais da morte, ou mesmo identificando elementos nos túmulos e lápides, será que estes são os sentimentos mais frequentes? Os objetos também nos dizem sobre sentimentos (Figura 1). Além das observações e registros fotográficos, foram realizadas 50 entrevistas rápidas.



Figura 1: Sentimento identificado em um dos túmulos do cemitério Santa Izabel, dia 02/11/19.
Fonte: Elisa Gonçalves.

O objetivo específico da monografia insere-se na discussão maior acerca de como se constrói o fronte que precede a relação do homem com a morte e qual o percurso que nós fizemos estruturalmente e fisicamente para lidar e decodificar esse fenômeno, bem como significar e sempre ressignificar como os autores entrelaçam esse processo.

Ao realizar levantamentos, tanto de dados primários como secundários, ideamos identificar os sentimentos manifestados por frequentadores e por trabalhadores do cemitério de Santa Izabel, em Belém. Assim, buscamos também relacionar tais sentimentos sobre a morte à marcadores sociais como idade, sexo biológico e crença religiosa dos interlocutores da pesquisa. Ao serem questionados, cada interlocutor foi provocado a refletir sobre seus sentimentos relativos ao evento morte, não somente da morte de algum ente que está sepultado, mas da sua própria morte.

O cemitério Santa Izabel foi escolhido como palco deste trabalho pelos motivos de estar em uso desde 1870 e possuir uma riqueza de detalhes nos túmulos e sua arquitetura, bem como, sua localização facilitar o acesso e ele possuir uma grande rotatividade de usuários. Trata-se de um equipamento urbano com cerca de 45.000 sepulturas e fica localizado próximo a áreas nobres da cidade, e é acessível para visitantes (Figura 2). Infelizmente a depredação e a falta de manutenção são problemas crônicos (O Liberal, agosto de 2019).

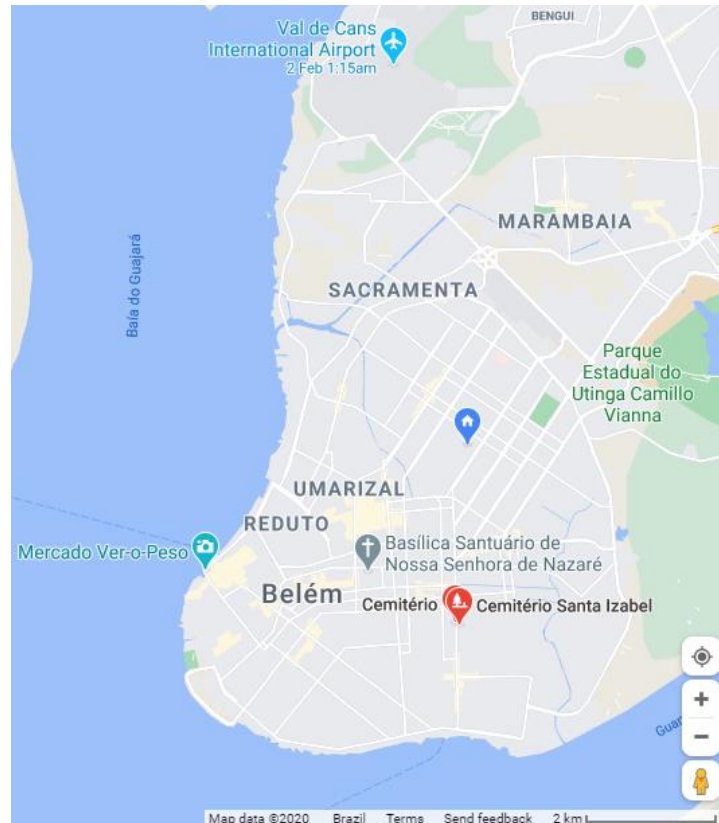


Figura 2: Localização do cemitério Santa Izabel em relação aos pontos turísticos de Belém. Fonte: Adaptado Google Maps

1.2 Percorrendo os sentimentos: metodologia de pesquisa

Por ser um trabalho de final de curso, na área de antropologia, métodos etnográficos foram privilegiados. Buscamos variedade, e não quantidade, o que situa o trabalho como qualitativo. Optamos por utilizar dados bibliográficos, dados de entrevistas individuais, e registro fotográfico (figura 3). A maior parte da coleta de dados primários ocorreu no dia 02 de novembro de 2019, no cemitério Santa Izabel. O trabalho também contou com a presença de minha orientadora, que me ajudou a iniciar a coleta e também realizou registros fotográficos¹. Fiz levantamentos na internet acerca de locais potenciais de pesquisa, e sobre os interlocutores ideais para identificar a maior variedade possível de respostas.

¹ Com autorização da orientadora, estamos usando as imagens dela e as minhas ao longo do trabalho.



Figura 3: Elisa fazendo seu registro (mochila preta nas costas), foto de Renata de Godoy, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19.

Em relação à pesquisa bibliográfica através da qual procurei compreender, destacando os estudiosos das Ciências Sociais, e principalmente da Antropologia, a morte e os sentimentos que ela desperta nos vivos, destaco algumas obras como: *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções* (2011), *Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados* (2019), *A Antropologia das emoções no Brasil* (2005), *A expressão obrigatória dos sentimentos* (2001), *O homem e a morte* (1988), *E a tristeza nem pode pensar em chegar...* (2009), *Antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão* (2019) e *Tabu da Morte* (1983), que alimentaram o corpo do texto em maioria.

Assim, as referências antropológicas foram norteadoras para o desenvolvimento do referencial teórico e da pesquisa exploratória, trazendo alguns autores que se dedicaram à morte dentro das Humanidades como RODRIGUES, COELHO e REZENDE, QUINÁGLIA SILVA, MORIN, MAUSS, ARIÈS e GUERREIRO. Por influência da orientação, também tive contato com bibliografia da arqueologia sobre cemitérios (ANDRADE LIMA, 1994), sobre rituais fúnebres através dos tempos, identificados através de sua cultura material (COSTA, 2012) e tive contato ainda com produções sobre o uso de cemitérios como espaços turísticos (SEATON, 2009).

Busquei compreender os sentimentos relacionados à morte no referido cemitério, através do registro por fotografias do campo, por acreditar que tal ambiente e a

presença de elementos simbólicos nele contido produzem uma atmosfera que levaria ao afloramento e recordações, tanto dolorosas como de esperança no grupo de interlocutores.

Entre as pessoas que lá encontrei e que concordaram em participar da pesquisa, realizei uma entrevista aberta rápida com o objetivo de coletar dados sobre os marcadores sociais já citados e submetendo-as à pergunta-chave – “para você, quais sentimentos estão associados à morte?” – no que diz respeito aos sepultados. Apenas uma pergunta foi formulada, pois o objetivo era uma resposta direta e espontânea. Tais entrevistas ocorreram exclusivamente no Dia dos Finados em 2019, comemorado no dia 02 de novembro.

O Dia de Finados foi o escolhido para coletar os dados não apenas por ele concentrar visitantes, mas também porque neste único dia do ano realizamos uma celebração dos mortos no Brasil², sendo esta uma data em que parentes possam visitar os túmulos de pessoas próximas já falecidas. Segundo Câmara Cascudo (2001, p. 233) “é o dia em que as almas visitam os lugares onde viveram”, é o dia em que a morte e a vida se misturam, na superstição ocidental.

Durante o campo, abordei várias pessoas que estavam executando diferentes atividades além dos que homenageavam seus mortos. Pessoas que estavam envolvidas em atividades como serviços gerais e até músicos que estavam tocando para as pessoas que passavam. A coleta de dados sobre as entrevistas foi realizada apenas por anotações no caderno de campo (ver Anexo), sem gravação ou questionário. Por isso, classificamos como experimental e rápida, sem a formalização de termo de consentimento ou carta de apresentação. O objetivo era preparar uma coleta mais formalizada, que não pode ocorrer em função da pandemia em 2020.

Cabe ressaltar que privilegiei um dia específico para a obtenção dos dados em campo por questões estratégicas para colher os dados com maior facilidade, e por conta do simbolismo do dia, do sentimentalismo que paira sobre todo o momento e o ritual de ir ao cemitério, seja para limpar o túmulo, levar flores ou fazer uma prece e ficar por uns minutos em companhia do ente que ali está.

Com a movimentação tanto dos trabalhadores que fazem parte do corpo administrativo do cemitério quanto dos trabalhadores informais que ali estavam, juntamente com os visitantes em larga escala, a coleta de dados foi singela e discreta.

² O Dia de Finados é uma tradição europeia, cristã católica, especialmente dedicado à orações para a alma dos mortos para que se livrem do purgatório. Outras religiões também homenageiam seus mortos.

Minha intenção como pesquisadora não era adentrar um espaço que não me era público no que diz respeito ao subjetivo dos interlocutores (figura 4); mas compreender, com a devida permissão, como essas pessoas estavam lidando com aquele momento e com a carga emocional daquele dia, e ouvindo suas histórias sobre aquelas despedidas, que por vezes eram trágicas, mas outrora, eram leves e simples, cumprindo o ciclo natural da vida.



Figura 4: Registro de ritual de devoção, preservando a intimidade dos visitantes, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves.

Capítulo 2: A morte e a questão do sepultamento: alguns apontamentos

Se a morte é tão comum e faz parte do nosso dia a dia, por que então insistimos em evitá-la? É fato que se o homem pudesse ser imortal, assim o seria. Aliás, esse desejo de imortalidade é tão arraigado no ser humano que este faz de tudo para permanecer vivo; por exemplo, recorre a vários procedimentos médicos com este intuito, primeiramente para burlar a aparência envelhecida, pois o envelhecimento representa a proximidade da morte, e segundo, diante de doenças.

Seja de qual for a natureza, faz-se de tudo para extirpá-la, inclusive ingerindo alimentos desagradáveis com o intuito de aumentar sua qualidade de vida, bem como submeter o corpo a cargas pesadas de atividades físicas para assim aumentar sua expectativa de vida. Ideias da imortalidade são muito consumidas culturalmente e são vendidas como o ápice, como um presente, quando na verdade, nem para todos seria uma dádiva. Um bom exemplo na cultura pop, onde encontramos diversos exemplos, é o filme de 2001 estrelado por Tom Cruise, *Vanilla Sky*, que retrata uma abordagem desesperada de prolongar a vida, mesmo que esta se resuma apenas a um sonho.

O homem é finito, mas pensar sobre isso e pensar também sobre todo o percurso histórico percorrido, escrito e vivido é desagradável e merece ser evitado. O corpo sem vida não pode ficar exposto, não somente porque poderia causar problemas de saúde, mas porque ninguém quer refletir sobre o que nos acontece depois que nossos sinais vitais cessam. “Com o desenvolvimento das sociedades industriais e os avanços da ciência, surge uma preocupação em isolar os mortos para evitar contaminação. Inicia-se o processo de afastamento” (QUEIROZ, SOUZA, PONTES, 2013, p.395).

Então, encontramos recursos, e a melhor forma de lidar com esse conflito é cobrindo o corpo, enterrando-o em cemitérios ou catacumbas; ou ainda cremá-lo para assim, selar a velha máxima de que do pó viemos e ao pó retornaremos. É o curso da vida. De todas as certezas que o homem pode possuir, a única incontestável é de um dia irá morrer e esse caminho sem volta por ora atormenta, por ora se aceita. (ARIÈS, 2000)

E por ter essa certeza, sempre corremos em direção contrária e muitas vezes, separamos em idade o fator proximidade ou não da morte, pois, quando jovens, temos esse vislumbre da morte estar distante, de sermos inabaláveis e do poder de burlar qualquer tentativa que venha a acontecer. Já mais velhos, passamos pelo processo

de luto em vida não só por estarmos nos aproximando da morte, mas também por aceitar essa condição e não mais negá-la ou esquecê-la, e então passamos a ver a frequência com que as pessoas se vão, a fragilidade não só da idade, mas da vida, e com isso, a familiarização da morte no cotidiano se torna comum e frequente, por conseguinte, o amortecimento desse sentimento acontece. Existe uma “[...] supressão radical de tudo que lembra a morte” (ARIÈS, 2003, p. 96).

Em *Antropologia das Emoções*, Rezende e Coelho (2010) nos apontam diversos anseios, como os sentimentos e o olhar de muitas lentes, principalmente o olhar das Ciências Humanas e sua abrangência para com o campo dessas emoções, no social, biológico e emocional, em foco aqui, sobre a morte. Em sua escrita, é notória a separação de algumas emoções, onde sobre a tensão entre sentir e expressar, as autoras nos colocam que:

(...) a expressão dos sentimentos é vista como um domínio sujeito às regras sociais que regulam quando, como e para quem manifestar emoções. Em contrapartida, o sentimento em si seria uma reação da ordem do natural ou mesmo do biológico que pode ser distinguida das normas sociais. Seria, portanto, um fenômeno ao mesmo tempo individual, no sentido de particular a cada um, e comum a todos os seres humanos (REZENDE e COELHO, 2010, p.98)

O significado da morte acompanha cada momento histórico, a priori, é “[...] externo ao indivíduo, pertencendo à cultura. À medida que esse significado é internalizado, transforma-se num instrumento subjetivo da relação do indivíduo consigo mesmo” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 214) e norteia a consequência deste fato. Por exemplo, se há uma grande taxa de morte por alguma doença, a consequência será tentar desenvolver medidas para contornar este tipo de fim, reduzindo assim, este tipo de óbito.

No entanto, o contrário também pode acontecer, se acontecem produções exacerbadas de algo inatingível, uma das possíveis consequências disso são os índices de suicídio aumentarem (GUERREIRO, 2014, p. 194). Faz-se necessário uma estratégia de redução também deste tipo de morte. Nota-se que, seja por motivos biológicos ou sentimentais, as consequências das duas mortes são sentidas e manifestadas individualmente, e usualmente, culturalmente, criando-se medidas de contorno, de intervenções, sejam médicas ou a partir de outras instituições, como as religiosas.

O sentimento de perda que nos paralisa, pode e é consequente de muitas

razões pelas quais a morte se dá, e as condições em que ela ocorre interferem grandemente no modo de superação que pode vir a acontecer ou não. Uma pessoa que sofre muito antes de partir causa alívio quando se vai, justamente pelo sentimento de dor que emanava ao estar vivo, já alguém que vivia em paz, quando morre, emana outros sentimentos como saudade e negação sobre sua morte. (GUERREIRO, 2014)

A trajetória da morte juntamente com a trajetória de vida nos mostra que, ainda que saibamos que uma finda na outra, ainda existe o desejo e as infinitas tentativas de burlar este acontecimento para que, consigamos permanecer mais tempo em vida na tentativa de sempre experienciar mais, ainda que seja em sofrimento. Culturalmente, em nossos grupos sociais também é possível observar a necessidade do prolongamento da vida, comportamento que se inicia através do processo de “medicalização” social, iniciado ainda no século XIX, que envolve a incorporação de tecnologia à Medicina, e possibilitou ao longo do século XX a criação de recursos para o prolongamento da vida, além da modificação dos hospitais.” (QUEIROZ, SOUZA, PONTES, 2013, p. 192)

O sentimento provocado pela morte pode ser considerado como uma extensão do que se possuía em vida. Tristeza, saudade, alívio ou felicidade são sentimentos distintos que são despertados de forma individual, mas que podem transparecer para o coletivo. Conhecer ou não o morto colabora para a construção e demonstração do sentimento despertado diante da perda.

O ambiente e o grupo social possuem grande influência quanto à visão que se constroi sobre a morte, e por isso, existe uma crescente de um pensamento voltado a necessidade de se viver o momento sem pensar exacerbadamente no futuro, pois esse seria, de acordo com esse discurso, indefinido. A morte, então, passa a se tornar um fenômeno, pois começa a ser observada já em várias áreas, de diferentes concepções e com um determinado padrão de rituais, seja em questão corpórea ou nos ritos externos ao corpo, como o luto, o reforço à memória de quem se foi, enterro e afins.

Rodrigues, em *Tabu da morte*, nos sistematiza alguns desses ritos pelas culturas:

Inferno ou céu para os cristãos e os muçulmanos, Campos Elísios para os gregos antigos, reencarnação e metempsicose na filosofia oriental, passagem para o reino dos ancestrais na África. Por toda a parte a morte é entendida como um deslocamento do princípio vital. (RODRIGUES, 1983, p.39)

Essa diferença entre as culturas perpassa pelo campo religioso, que é um marco fundamental na construção do que pode se chamar de “cultura da morte”, e nos ratifica que, é sempre uma passagem, não o fim. Essa informação é fundamental para distinguir o porquê da diferença de sentimentos e modo de viver daqueles que não são religiosos.

Quando falamos a palavra “morte”, logo nos deparamos com várias reações inconscientes, que estimulam vários sentimentos como a tristeza, o medo e incerteza diante deste fenômeno. E, por mais que, muitas vezes, tratemos a morte como um fenômeno natural, ela é assim tratada porque não estamos falando da nossa morte, mas sim, da morte do outro.

O fenômeno em si, além de complexo, comporta uma série de elucubrações, e tratar de todas as suas nuances não é tarefa fácil e jamais será exaustiva. Por mais que elaboremos um tratado sobre a questão da morte, sempre será insuficiente abordá-la em seus múltiplos aspectos (religioso, social, antropológico, psicológico, etc.). Mas, dentro da perspectiva da pesquisa por hora desenvolvida, optou-se por focar nas sensações das pessoas diante da morte e do sepultamento.

De fato, lidar com o fim da nossa existência é sempre penoso. O ser humano raramente estará preparado para admitir que seu fim esteja próximo, afinal, viver em um clima de morte, é viver em constante estado de desagregação do mundo, depressivo e despersonalizado na sociedade ocidental. A morte deve ser encarada apenas como uma parte da cronologia da vida, mas não a vida em si.

Como fenômeno social, a morte consiste na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. A feitura desse trabalho exige toda uma desestruturação e uma reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social. E apenas ao termo desse doloroso esforço o grupo se recobra, restabelece sua paz e vence. (RODRIGUES, 2006, p.54).

Entretanto, a finitude chega e a morte passa a ser caracterizada apenas como um corpo sem vida, que deve ter uma destinação, pois os processos biológicos logo entram em ação, decompondo aquilo que exalava sonhos e perspectivas, revelando da forma mais brutal a natureza limitada do ser humano, e lidar com esse corpo sem vida, saber que ele retornará à terra, é frequentemente, insuportável. (GUERREIRO, 2014)

Então, surge o dilema da destinação desse corpo e o sepultamento passa a

ser, principalmente nas sociedades ocidentais, o ritual mais praticado. O sepultamento não é apenas uma questão de saúde pública, ele revela muito daquilo que se quer esconder, ou seja, o contato com a morte.

A defesa de que as coisas e suas materialidades implicam e constituem uma parte vital e importante do que nos faz ser o que somos, “(...) ..., é um paradoxo: a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar nossa humanidade é dar atenção à nossa materialidade fundamental.” (MILLER, 2013, p. 10).

Costa (2012) afirma que “não há nada mais vivo do que uma arqueologia da morte, e nem nada mais humano do que tentar mortalizar o intangível”, e similarmente, nos aponta em *Estudos Mortuários em Arqueologia Pré-histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social* que o sepultamento também implica em posições sociais e funções em cada comunidade:

Usando o princípio de “espelho” etnográfico, a teoria e metodologia de Saxe-Binford sobre a prática funerária em sociedades pré-históricas apresenta oito hipóteses. A primeira hipótese explora a relação entre a disposição dos vestígios mortuários de um mesmo indivíduo, e como cada conjunto destes remanescentes pode representar o microcosmo de ação do mesmo indivíduo na sociedade. (COSTA, 2012, p. 2)

Andrade Lima (1994) também tece considerações diretas sobre cemitérios cariocas no século XIX, fazendo um paralelo com o estudo de identidade e mobilidade sociais, com referência nos rituais funerários, e compreende o quanto as representações da morte, especialmente materiais, implicam nas condições sociais de quem as fazem.

Guerreiro (2014) faz um apanhado sobre o processo da morte, dissertando que, num tempo em que as doenças eram quase todas fatais, o homem sempre estava à espera da anunciação da morte, ao lado de sua família, em casa, mas compartilhada de forma pública com todos. No momento de sepultamento, se fosse rico, era enterrado em Igrejas, se pobre, dividia a “vala dos pobres”, onde se enterravam até seiscentos ou setecentos corpos cosidos dentro de uma serapilheira, local que, mais tarde, receberia a designação de “cemitério”, o lugar dos pobres e das crianças.” (GUERREIRO, 2014, p. 183)

Neste sentido, a morte passa a ser ritualizada em espaços específicos e através do seu sepultamento e suas formas, nota-se a finalidade de simbolizar a finitude do homem e assim, afastar as características biológicas que atuam sobre o

corpo sem vida. Esta é uma forma de adestrar a morte, como bem ensina Ariès (2000) ao se debruçar com o tema da morte e relevar ainda que, “a morte começou a se esconder, apesar da aparente publicidade que a cerca no luto, no cemitério, na vida como arte ou literatura: ela se esconde sob a beleza.” (ARIÈS, 2000, p.515).

A partir de então, ainda que seja um processo doloroso e, às vezes, brusco, a morte passa a trazer consigo um período bonito, de paz, que consiste não em sofrimento somente, mas também a representação de sentimentos e percepções positivas sobre tal fato, notório em discursos como: chegou a hora de partir, fez tudo que podia em vida. E neste exercício de compreensão, é preciso separar o fenômeno morte do fenômeno ritual da morte, pois um é independente de nós, e o outro é construído por nós.

Guerreiro (2014) posiciona o homem e retrata que:

Na morte, o homem experimenta a mais profunda solidão, ao reconhecer a relação do “eu” com o seu próprio fim; mas institui, também, uma relação com o outro, assumindo-se como um acontecimento de alteridade: é a ideia do duplo, mito universal que encontramos na experiência do reflexo, do espelho, da sombra, produto da consciência de si próprio e primeira percepção de si como realidade. (GUERREIRO, 2014, p.176).

A aceitação e a construção de uma beleza ao redor do ritual da morte vêm para apaziguar e também, para construir escapes desde sua celebração, até a criação de consumos acerca dela, como filmes, séries, literatura, músicas e a própria indústria funerária, que começa a ficar cada vez mais visível quando esses sentimentos passam a ser visualizados de maneira mais coletiva, onde todos lidam e tomam um trajeto padrão para lidar com este acontecimento.

Os símbolos, figuras e imagens que costumam compor este momento também são de fundamental importância para análise, como aponta a arqueóloga Tania Andrade Lima, ao pesquisar sobre as representações materiais da morte em cemitérios no Brasil (ANDRADE LIMA, 1994). Devemos estar atentos para diferença de cemitérios e sepultamentos de acordo com religiões, como se observa no Cemitério Santa Izabel em Belém, ao separar com grades os mortos cristão e judeus, por exemplo. (Figura 5).



Figura 5: Espaços segregados entre cristão e judeus, pela perspectiva do Cemitério Santa Izabel em Belém/PA, dia 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves.

Cemitérios católicos costumam conter imagens de santos em cima de seus túmulos e um padrão de procedimento, como rezas. Para os protestantes, os cultos, já o cemitério judeu, a padronização de túmulo se fundamenta na forte latência de discurso onde todos são iguais em vida, e conseqüentemente, na morte e por isso, não há necessidade de túmulos maiores ou menores, todos compõem o mesmo espaço, altura, cor e tamanho.

Também é relevante ressaltar que os cemitérios foram, e em alguns lugares são, espaços utilizados regularmente como parques e espaços de contemplação. Hoje em dia, há algum incentivo em transformar os cemitérios em espaços de visitação turística. Fora do Brasil, já se identificam muitos locais relacionados à eventos traumáticos como objeto de interesse turístico, como campos de concentração e locais que se relacionam com tragédias e morte de famosos. O cemitério, como espaço de contemplação e visitação consolidado, torna-se assim um ótimo sítio para o turismo também. (STONE, SHARPLEY, 2008).

Marcel Mauss em *A expressão Obrigatória dos Sentimentos*, nos traz uma abordagem importante sobre o impacto que a demonstração dos sentimentos de forma pública acontece e como se constrói o sentimentalismo em torno dessa

demonstração. A compreensão de que os rituais, inclusive os funerários, são sociais e coletivos, impactam diretamente no sentimento individual do indivíduo e em como todas essas emoções se mostram e são interpretadas.

Mauss (2001) nos mostra que a ritualística tem unicamente um caráter coletivo de comunicação de sentimentos, do que está acontecendo, e a leitura deste acontecimento e sentimento ocorre unicamente dentro de uma cultura que é compartilhada e socializada, para que tais ritos sejam interpretados e aceitos. As lágrimas, o luto, o choro e o grito fazem parte do momento da morte e é tratado em larga escala como um período de tristeza, negação, dor e perda, por isso, é aceito e respeitado. O caráter coletivo de recebimento dessas emoções não impacta o individualismo dele, pelo contrário, reforça e acompanha o seu trajeto até o fim:

Um considerável número de expressões orais de sentimentos e emoções, em muitas povoações espalhadas em todo um continente, têm unicamente um caráter coletivo. Digamos logo que este caráter não prejudica em nada a intensidade dos sentimentos, muito pelo contrário. (MAUSS, 2001, p. 153)

Quinágia Silva (2008) pontua, embasada por Edgar Morin (1988), que a morte “assevera que a sociedade e a cultura existem não apenas apesar da morte e contra a morte, como também pela morte, com a morte e na morte.” (2008, p. 15). Sustenta também que, encarar a morte é um processo de alteridade e um exercício de se compreender através do outro neste fenômeno através da fronteira indivíduo-sociedade, que faz da morte um significante importante na constituição simbólica e emocional deste indivíduo, que passam a registrar a morte através da experiência do outro com ela.

A forma como os ritos são ou não aceitos implica diretamente na atitude que se toma diante de atos socialmente comuns como a morte. Dentro da Antropologia das Emoções, há bons autores que refazem esse percurso e analisam o papel e poder das emoções no âmbito social e acadêmico. Víctora e Coelho (2019) sistematizam que a organização social interfere diretamente no desenvolvimento de afeto e das emoções naquele espaço de interação.

A Antropologia das Emoções se formou como área de investigação e produção no cenário norte-americano nos anos de 1980 e a partir de então, se acresceram nomes referenciais para a temática como Michelle Rosaldo, que publicou em 1984, um artigo sobre a antropologia de Clifford Geertz para fundamentar e analisar as

emoções e torná-las objetos possíveis de pesquisa antropológica. (VÍCTORA, COELHO, 2019)

Rosaldo (1984) nos mostra que as emoções são pensamentos sentidos, de alguma maneira sintomatizados em nosso corpo, e com a movimentação dele, conseguimos identificar e verbalizar nossos sentimentos, e o fato de estarmos envolvidos com aquele sentimento muda a nossa percepção sobre as nossas emoções. Com isto, “pensamento/afeto revelam assim a diferença entre a mera escuta do choro de uma criança e uma escuta sentida – como quando percebemos que existe perigo ou que a criança é a nossa filha.” (p.143)

Com este parecer sobre as emoções, Rosaldo (1984) organiza duas problemáticas necessárias para o atravessamento das emoções na Antropologia: o marco entre a emoção e corpo, e a divisa entre a emoção e razão. Notando estas duas tensões, percebe-se a dificuldade própria do indivíduo de, às vezes, reconhecer e compreender seus próprios sentimentos, e conseguir fazer este processo de compreensão é fundamental para verbalizá-lo, e assim, comunicar-se socialmente.

Todo este sentimentalismo requer apreço e, posteriormente, sua institucionalização, isto é, o reconhecimento não só social, mas também o amparo estatal para lidar com este fato padrão que sempre ocorrerá, e posteriormente, designar medidas para calçar tudo que lhe for necessário dentro da sua cultura funerária, desde o modo de sepultamento até locais adequados para os corpos.

Compreender de fora (Estado), para dentro (indivíduo), a importância da adequação de corpo em espaços cemiteriais e a fragilidade de emoções que compele este momento é de grande estima para a constituição saudável destes ritos e compreensão dessas emoções.

Embora a morte seja pública e coletiva, não isentando quaisquer indivíduos de seu ultimato, ela se apresenta configurada numa série de expressões, sentimentos e rituais que são compreendidos culturalmente por um mesmo nicho (MAUSS, 2001), isto é, as características culturais de cada local e em como estas são reproduzidas em seu espaço, sua representatividade neste momento, e por consequência, sua especificidade, pois ainda que a morte esteja para todos, a cultura agrega e também segrega ritos e símbolos que podem ser entendidos ou não a cada espaço.

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força

obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 2001, p. 153)

Portanto, a morte também se configura como uma linguagem, com suas respectivas características representativas e modo de acontecer, compreendendo os limites culturais deste momento.

Os atos que acontecem, nossas ações e expressões, são manifestações importantes que devem ser emitidas para assim, serem compreendidas pelo coletivo e enfim, processadas no individual, precisamente por perpassar pelo coletivo, que dá o devido significado a cada gesto pelo grupo conseguir fazer a devida leitura de tais comportamentos. (MAUSS, 2001)

A exploração desses sentimentos e emoções não somente no rito, mas desde o momento da perda, nos faz emitir sensações e sentimentos que o outro entende e faz a devolutiva, como a bondade e condolência para com o outro neste período de superação. Esta reciprocidade e respeito constroem uma cúpula de assimilação com quem sente, com quem faleceu e em como quem ficou lidará a partir da despedida – o rito funerário.

Ao interpretar todos esses sentimentos, individualmente dividimos com o coletivo falando o que sentimos. Resende e Coelho (2010, p.62) nos apontam que “o indivíduo, ao falar do que sente, comunica-se consigo mesmo através dos outros, compreendendo, por meio desta expressão, aquilo que sente.” Sendo assim, a resposta que se dá quando se pensa em morte é tão individual, em questões sentimentais, quanto coletiva, em questões de compreensão do que sente, e tendo esta configuração em mente, pude desenvolver uma breve pesquisa exploratória para identificar o que as pessoas sentem quando pensam, já estão lidando ou se recuperando de alguma proximidade com a morte.

Há, na racionalidade humana, a maior das angústias: a consciência da finitude. Por outro lado, ao falar sobre morte podemos entender um pouco melhor a maneira como vivemos. Tendemos a ver na morte uma passagem e não um fim. A morte, como o nascimento ou o casamento, é universalmente considerada como um acontecimento socialmente significativo, assinalado por um ritual e confirmado pela sociedade. (ARAÚJO, 2012, p. 2)

Araújo (2012) analisa em *A mercantilização da morte na sociedade de consumo* como os rituais de morte tornaram-se importantes e parte de uma estrutura de consumo que movimenta uma cultura de morte, e realça que “a cerimônia de despedida marca tanto quanto mais do que as outras, tais como o casamento, o batizado, etc., por isso não pode ser desprezada nem negligenciada.” (p. 342)

Dentro desta cultura de morte e de consumo, Baudrillard (1976) acentua a funcionalidade do corpo como um significado de beleza e saúde e realça o esforço em se manter essa imagem por quanto tempo for possível, e nos mostra o quanto esse movimento desassocia a morte como algo rotineiro, o que nos faz esquecer que ela existe, visto que, corpos saudáveis não se deteriorizam, e essa percepção distorcida da realidade nos torna refém de uma possibilidade que nunca poderá ser comprada, mas que sempre é oferecida: a vida sem fim.

Capítulo 3: Observando a Antropologia das Emoções através da morte em Belém/PA

Como já colocado no Capítulo 1, esta monografia se pauta por uma pesquisa etnográfica, que envolveu a coleta de dados diferentes para tentar abarcar os sentimentos que envolvem a morte na Belém contemporânea. A proposta, a princípio, era estender as entrevistas para outros grupos, como trabalhadores de saúde e mesmo, exclusivamente com trabalhadores do cemitério Santa Izabel. No entanto, decidimos concluir as entrevistas pelo volume de dados coletados, que consideramos suficientes para traçarmos um panorama maior sobre os sentimentos que buscamos analisar.

Os dados foram coletados exclusivamente no Dia de Finados de 2019, que acontece anualmente no dia 02 de novembro no Brasil (CÂMARA CASCUDO, 2001). O local escolhido foi o cemitério Santa Izabel, em Belém do Pará, pois ele foi inaugurado na década de 1870, no bairro do Guamá, e ainda continua em uso. A oportunidade de observação e riqueza de detalhes e histórias advindas de tanto tempo me levou a centralizá-lo como fonte importante desta pesquisa.

Nesta ocasião, foram obtidas 50 respostas para a pergunta que rege o trabalho. Esta data foi escolhida por ser uma data carregada de sentimentos pessoais dos mais divergentes, bem como pela oportunidade de observação de um dia que é inteiramente reservado para este momento, o momento de luto, de despedida. Por ter fundamento cristão, no século V, o hábito de reservar um dia para rezar pelas almas dos que se foram, por respeito a sua memória ainda permanece até os dias de hoje. A tradição envolve muita religiosidade e acontece pelo país à sua maneira, com direito a flores, velas e orações, à escolha de cada um. (CASTRO, FONSECA DE CASTRO, 2019)

A única pergunta feita aos entrevistados foi “qual sentimento vem à tona quando você pensa na morte?”. Algumas pessoas foram resistentes, mas responderam mesmo depois de certa relutância, outras se emocionaram ao falar sobre pois haviam perdido algum parente a pouco tempo. No geral, a pesquisa e coleta de dados pôde ser feita sem grandes dificuldades no campo, que se iniciou com acompanhamento da orientadora, conforme colocado anteriormente.

Para realizar a análise destes dados, os respondentes foram categorizados da

seguinte maneira:

1. Visitante – para os que estavam somente visitando algum túmulo;
2. Trabalhador/a – para os que limpavam e lavavam as lápides;
3. Transeuntes – para os que estavam passando na frente do cemitério;
4. Vendedor/a – para os que estavam vendendo flores, água, comida (figura 6);
5. Sepultador/a – para os que pertencem ao quadro de pessoal do cemitério;
6. Músico/a – para quem estava se apresentando na entrada do cemitério.



Figura 6: Categoria definida como vendedor/a, no entorno do cemitério Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves.

Pude anotar algumas informações extras que não foram perguntadas, mas sim, cedidas espontaneamente, que foram idade e religião. Concordamos que pelo teor da pergunta, não seria sensível insistir com outras perguntas íntimas; no entanto, a dinâmica de cada entrevista possibilitou realizar uma entrevista aberta, quando o respondente tem interesse em explorar mais o tema. O exercício de abordar pessoas, para mim enquanto graduanda em Ciências Sociais, foi importante e necessário para o desenvolvimento de familiaridade com o campo de pesquisa e diferente, pois, abordar pessoas com a finalidade de alimentar uma pesquisa requer uma postura e

determinados tipos de abordagens. Algumas dessas abordagens eram fluidas, os interlocutores expressavam seus sentimentos e alguns deles se sentiam à vontade para conversar e não somente responder minha pergunta, e o resultado das interações foram extremamente positivos pela abertura dos interlocutores, que para além de responderem à pergunta, contavam histórias sobre seu ente já falecido com estima, e se mostravam dispostos às interações e até relatavam algo mais sobre eles mesmos como fé e idade.

Nos dados a seguir, apresento uma análise conforme as categorias descritas acima, e em casos também segregados em outras categorias. A partir das respostas, entendemos ser necessário analisar a variação de idade e de religião, pois, em geral, os mais velhos, responderam não ter medo e receber a morte com tranquilidade, porém, os mais novos, responderam afirmando não pensarem na morte e em geral, não declaravam explicitamente alguma religião. Isto posto, sendo a pesquisa conduzida num cemitério cristão, de antemão, supõe-se a filiação dos visitantes. A seguir, apresento uma análise exploratória, a partir das entrevistas e das observações que fiz no dia 02 de novembro de 2019.

Na figura 7, apresento um gráfico contendo todas as 50 respostas obtidas na pesquisa, feita no Cemitério Santa Izabel em 02 de novembro de 2019 – Dia dos Finados, para análise de um panorama geral sobre os interlocutores e suas respectivas respostas.

Os dados que denominam a categoria pertencente aos interlocutores, estão com cores diversas e suas respectivas quantidades os apontando como: visitante – barra em azul escuro, trabalhador – barra em alaranjado, vendedor – barra em branco, músico – barra em amarelo, transeunte – barra em azul claro e sepultador – barra em verde.

Abaixo das barras, estão descritos os sentimentos mais ditos, que foram separados em quatro grandes grupos para posteriormente, serem avaliados individualmente grupo por grupo, os sentimentos e a relação com a idade, e a função e fatores secundários como religião, que fora apontada por parte dos respondentes.

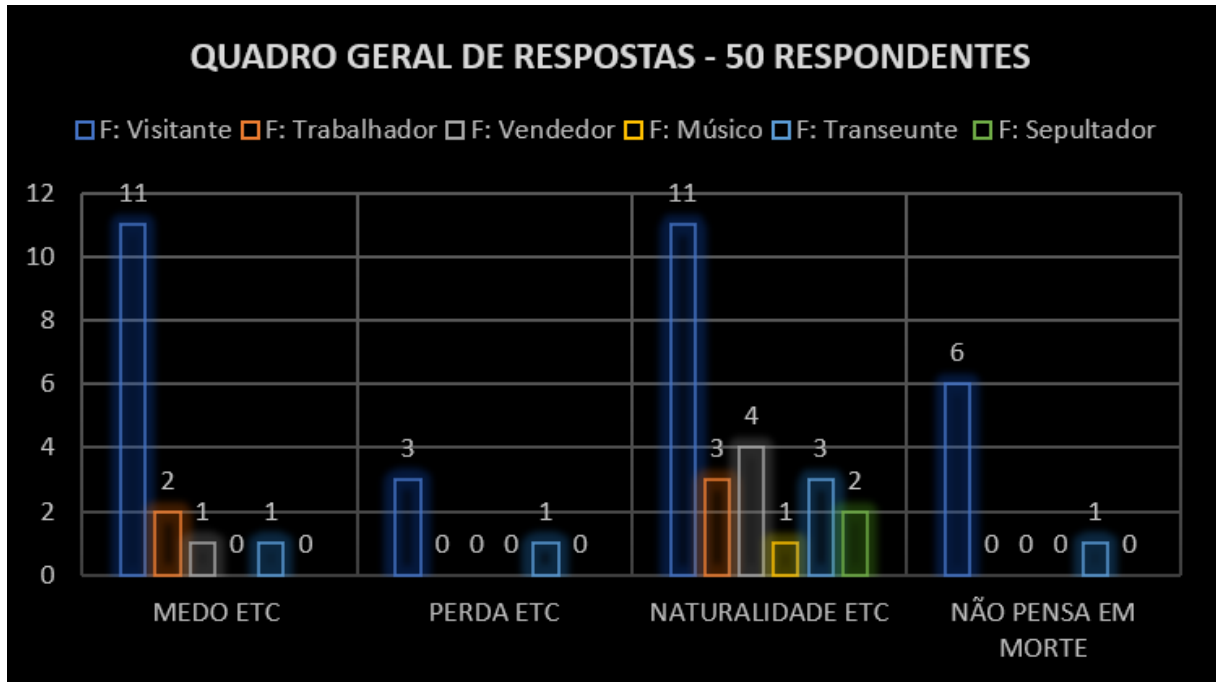


Figura 7: Gráfico de variação entre os sentimentos listados por cada respondente.
Fonte: Elisa Gonçalves.

Em todas as 50 entrevistas feitas, verifiquei uma repetição de respostas e, assim, pude organizá-las em quatro grupos de respostas que contém relações dentro de um mesmo espectro de sentimentos, o que facilitou a leitura dos dados, a sistematização e compreensão destas respostas. O que percebi foi que todos têm uma opinião sobre a morte, e embora algumas dessas opiniões sejam carregadas de sentimentalismo, outros grupos de pessoas não se atentaram a pensar sobre este assunto, o que será muito marcado por questões específicas que serão tratadas em breve na leitura individual dos grupos de respostas.

Sendo assim, o primeiro agrupamento de respostas foi sintetizado pela palavra “medo”, com o acréscimo de mais respostas como tristeza, dor aflição e agonia, e 15 pessoas responderam ter este sentimento quando pensam em morte. O segundo grupo de respostas foi definido pela palavra “perda”, que se abrange às palavras “vazio” e “ausência”, e quatro pessoas relataram estes sentimentos diante da morte. A terceira condensação de respostas consiste na palavra “naturalidade” e seus sinônimos: “descanso”, “passagem” e outros, e 24 pessoas responderam sentir paz neste processo. E por fim, a quarta resposta foi somente uma: “não pensa em morte”, e no total, sete pessoas responderam que acham a morte distante, e por isso, não param para pensar sobre ela.

Na cultura material do cemitério também pode-se encontrar tais respostas,

como nas figuras 7 e 8, em que se lê “tributo da dôr suprema” em uma das sepulturas. Podemos inferir que a morte enquanto um sentimento de dor se reflete também em outros tempos neste mesmo espaço fúnebre.



Figuras 8 e 9: Sepultura do início do século XX onde há registro de sentimento em relação ao ente que partiu, 02/11/19, fotos de Renata de Godoy.

As primeiras respostas que recebi foram todas associadas ao semblante negativo dos respondentes. O maior número de pessoas que me responderam sentir dor, medo e tristeza, em sua totalidade 15, estavam ali visitando túmulo de algum parente que fora recém enterrado, ou seja, o luto e o processo de compreensão desta perda estava completamente latente, o que influenciou na forma como, naquele momento, aquelas pessoas estavam postas e em como interpretavam a morte.

Ao analisar estas primeiras respostas, percebi que estes relatos de sentimentos quase sempre estavam projetados para o outro, a morte do outro; poucas foram as pessoas que pensaram a respeito da sua própria morte, e quando pensavam, descreviam seus sentimentos também projetados no outro, no âmbito social e no espaço que este ocupa. As repostas carregavam uma preocupação diante de como o outro ficaria, esse outro eram os filhos, os pais ou a empresa. Isto marca uma característica importante na pesquisa: meus interlocutores me apontaram que a morte é analisada em primeira pessoa e se direciona para a terceira pessoa, é uma visão pessoal sobre algo que acontece com o outro, mas que depende inteiramente de um

registro sobre como ocorre.

Ariès (2003) faz dois apanhados, um sobre a morte do outro na sociedade ocidental, mostrando que o homem “[...] exalta-a, dramatiza-a, deseja-a impressionante e arrebatadora. Mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e, assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro[...]” (p. 64), e outro sobre a morte de si mesmo:

O homem das sociedades tradicionais, que era não só o da primeira fase da idade média, mas também o de todas as culturas populares e orais, resignava-se sem grande dificuldade à ideia de sermos todos mortais. Desde meados da Idade Média, o homem ocidental rico, poderoso ou letrado conhece a si próprio em sua morte – descobriu a morte de si mesmo. (ARIÈS, 2003, p. 63)

A alteridade implica no modo de se relacionar e na interdependência social, ver a morte do outro molda a própria visão de morte, é um processo necessário de registro emocional de reações, sentimentos e de construções sobre esses sentimentos, que podem ser atravessados por diversos marcadores, como cultura e religião.

Todos os interlocutores eram de um mesmo grupo religioso, o catolicismo, e suas idades variaram dos 25 anos até os 90 anos. Pude observar inclusive várias religiosas frequentando o espaço, geralmente em grupo, como se percebe na figura 9.



Figura 10: Grupo de freiras em visita ao cemitério Santa Izabel, 02/11/19.
Fonte: Elisa Gonçalves

Quando se associou morte à religião, percebeu-se que alguns viam esperança de superação daquele momento em sua fé para amenizar seu sofrimento, no entanto, não se pode tomar isso como padrão nas respostas pois não se aplicava a todos os interlocutores, alguns deles, ainda que respondessem ter fé, relataram sentir aflição e angústia diante da morte. (Figura 11)

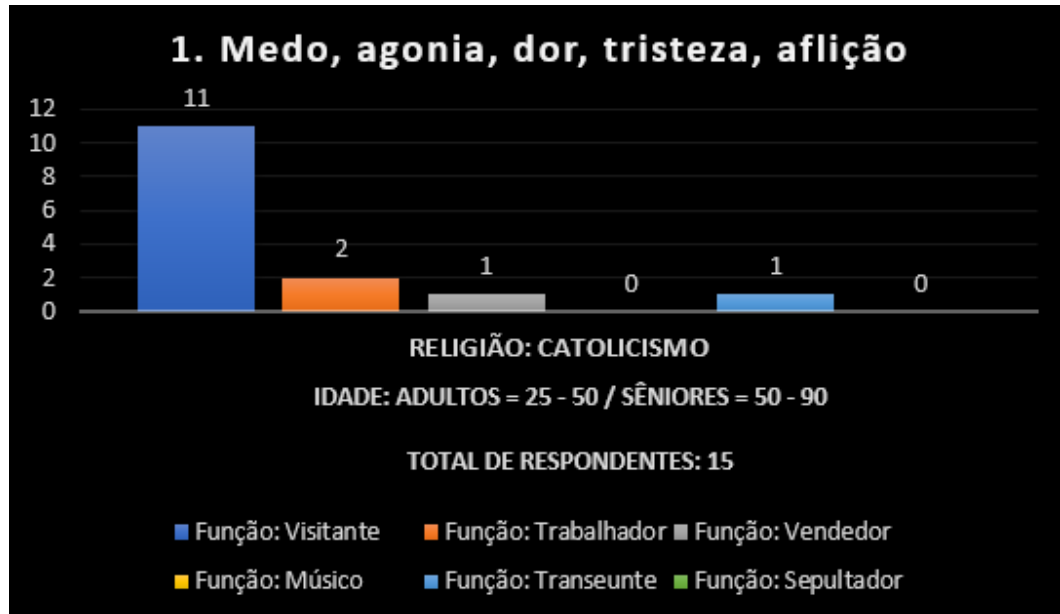


Figura 11: Gráfico que apresenta as respostas “medo, agonia, dor, tristeza, aflição” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves.

As respostas foram se alterando de sentimentos negativos somente para os sentimentos de perda, vazio e ausência (Figura 12). Ainda que em tom negativo e doloroso, a interpretação dessas pessoas a respeito da morte era de perceber que ela já tinha ocorrido e que o que ficava era a sensação de falta diante da morte do outro. A sensação de não compreender muito bem o que se estava sentindo para lidar com o processo de luto era comum em algumas respostas à pergunta central da pesquisa.

Somente quatro pessoas responderam sentir essa falta e eram todas, também, de um mesmo grupo religioso – catolicismo. Suas idades variavam entre os grupos de adultos e jovens, onde três estavam visitando algum parente ali sepultado e um era transeunte que estava circulando em frente ao cemitério neste dia.

O grupo de pessoas que respondeu com sentimentos neutros ou positivos em relação à morte compõe o menor número de respostas da pesquisa exploratória. Infere-se que, isto significa que poucas pessoas conseguem compreender a morte de uma maneira não necessariamente fúnebre e negativa, e que por isso, têm maior dificuldade em lidar com a perda, e de lidar com o que pode acontecer posteriormente.

As mudanças de perspectiva ficam mais latentes e compreensíveis também nas categorias pré-definidas dos respondentes. Mesmo que a morte esteja posta para todos, visitantes e transeuntes se mostram, de fato, de passagem por essa sensação, demonstrando afeto pelo acontecimento, mas se distanciando individualmente dele, este movimento é interessante de se notar, visto que, aparentemente, a morte é vista

também, como uma visita para eles.

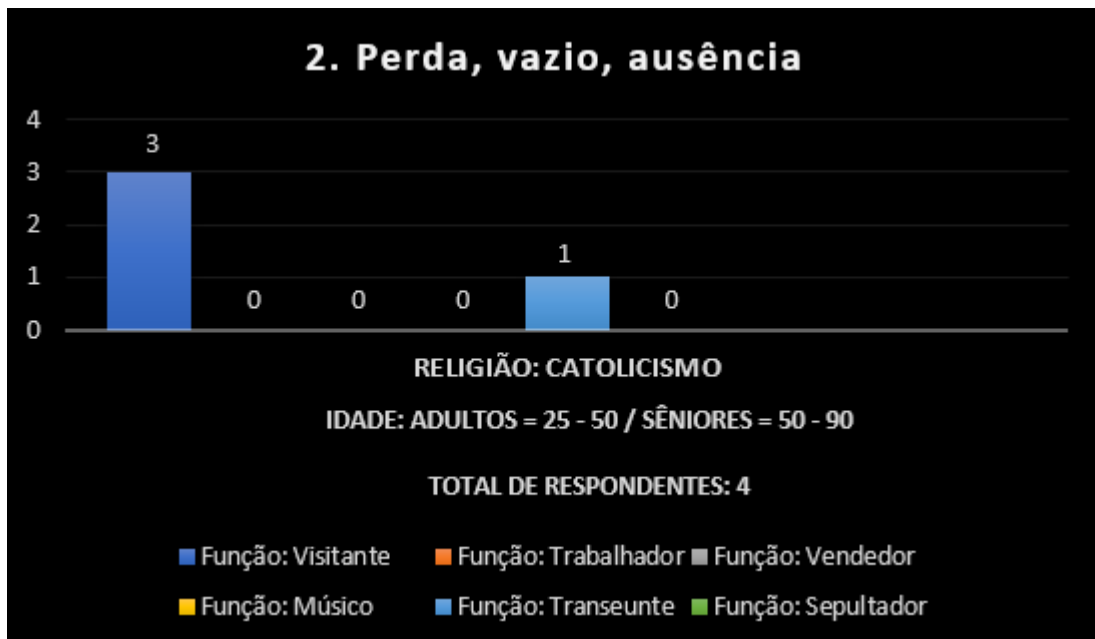


Figura 12: Gráfico que apresenta as respostas “perda, vazio, ausência” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves.

O terceiro grupo de respostas, composta por adultos e sêniores, foram mais positivas, pois todos os 24 respondentes, usaram um tom de esperança diante da morte e demonstraram não ter medo de lidar com ela. As respostas foram: naturalidade, passagem, paz, descanso e aceitação, e remeteram à compreensão total do sentimento de tristeza que ficará para quem acompanhar este ocorrido, assim como de plena conformidade dos que passarão por ela. Neste grupo, houve uma maior variação de funções e de religiões, e pude notar que ela influencia consideravelmente no amparo que as pessoas encontram diante da morte, e de aceitação a respeito dela. As respostas, que vieram sempre acompanhadas de frases de fé, nos mostram que esse aconchego religioso que conduz a uma crença de que, a morte é apenas uma passagem para uma outra vida, acolhe e inibe o sentimento de medo diante desta finitude, visto que, ela não é enxergada como o fim, mas sim como um novo começo.

Dentre os interlocutores, 11 eram visitantes no cemitério, três eram trabalhadores do quadro administrativo cemiterial, quatro eram vendedores ambulantes, um era músico, três eram transeuntes em frente ao cemitério e dois eram sepultadores. As religiões identificadas nas repostas foram Umbandismo, Espiritismo, Protestantismo e Catolicismo, e as idades variavam entre o grupo de adultos; os que

classificamos como jovens de 25 a 50 anos; e o de sêniores com idades entre 50 e 90 anos (Figura 13).

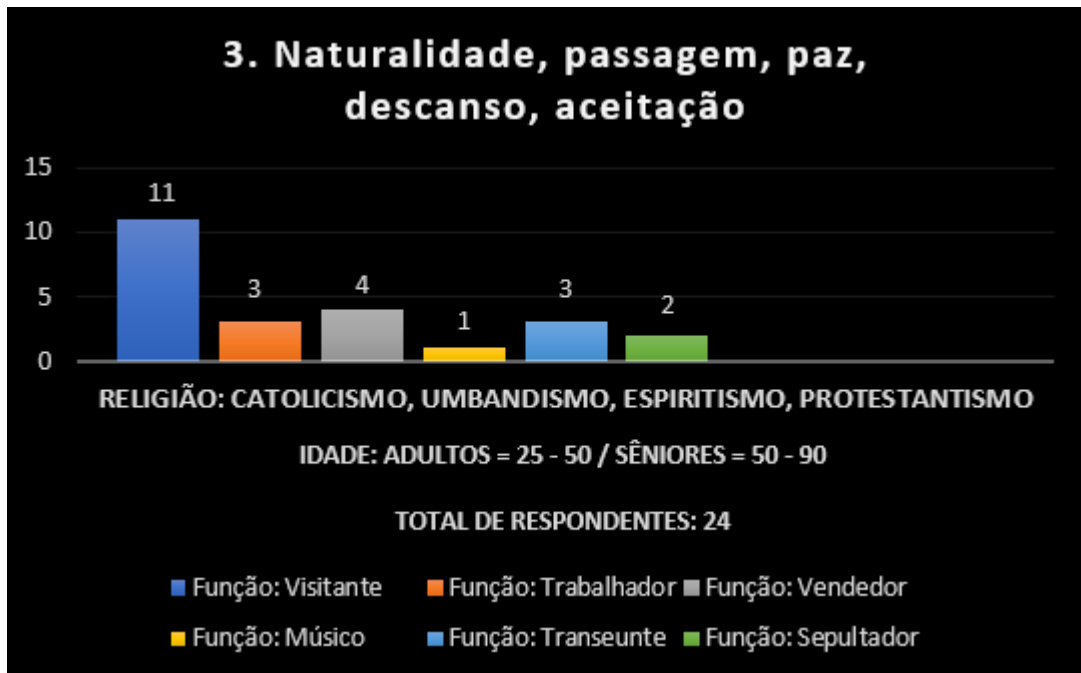


Figura 13: Gráfico que apresenta as respostas “naturalidade, passagem, paz, descanso, aceitação” obtidas no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves.

O último grupo de respostas é composto por uma única resposta e curiosamente, por um único grupo de idade e de religião. Todos os respondentes, que correspondem a sete no total, são jovens, com idade abaixo dos 25 anos e nenhum apresentou em suas respostas ter religião alguma, ser credor de alguma doutrina ou mostrou-se entoando alguma fé, e ainda que seja um dado secundário às respostas, foi um marco que pude notar nesse momento.

O que me chamou atenção durante as respostas foi o afastamento completo de qualquer perspectiva a respeito da morte, pois os mesmos a relacionavam com um período distante, a velhice, ou mesmo com acidentes e doenças trágicas como o câncer, não se colocando como alvo em momento algum. O distanciamento de pensamento e, por conseguinte, de sentimentos, é um dado interessante se relacionarmos com suas funções: seis eram visitantes de algum parente ali enterrado e somente um era transeunte do lado de fora do cemitério.

Ainda que houvesse um contato com a morte por parte dos visitantes, todo o acontecimento, o ritual e Dia dos Finados, era algo incomum e indiferente ao cotidiano dos interlocutores do grupo quatro de respostas, e por não mostrarem em suas

respostas terem alguma fé ou amparo religioso, não temiam ou sentiam conforto ao pensar na morte, pelo contrário, não pensavam sobre ela por parecer ser algo distante e por isso, não tinham com o que lidar. (Figura 14)

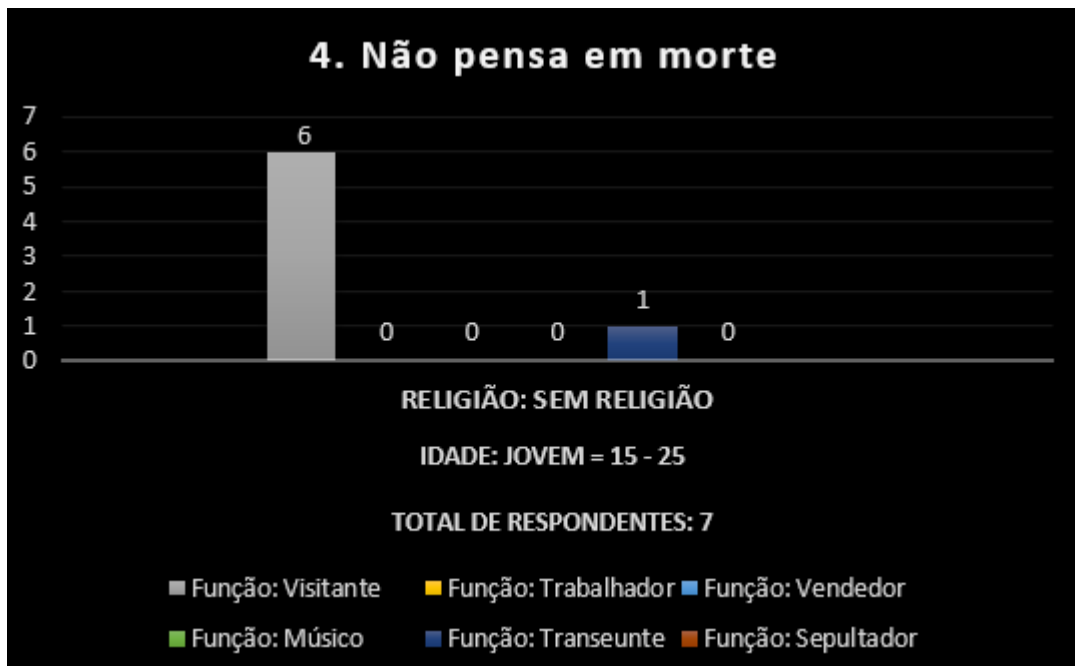
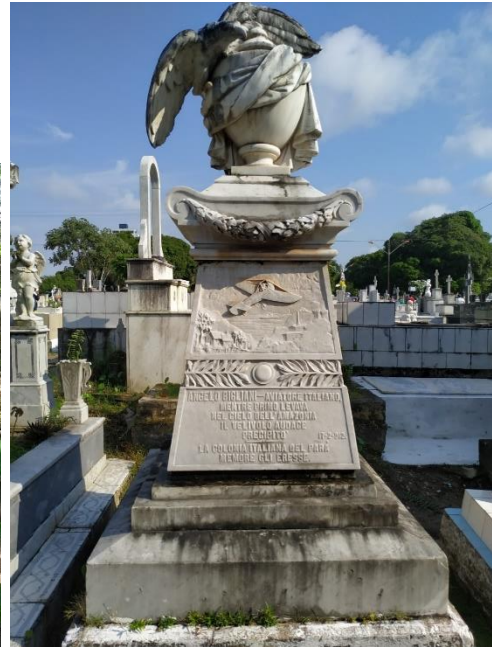


Figura 14: Gráfico que apresenta a resposta “não pensa em morte” obtida no Dia dos Finados, 02/11/2019. Fonte: Elisa Gonçalves.

Para além da coleta de dados, observei muitas questões espaciais e foi muito expressivo o abandono do cemitério, a falta de manutenção de alguns jazigos e a deterioração do espaço, que sinaliza falta de interesse estatal em providenciar manutenções de responsabilidade externa, bem como a baixa manutenção dos usuários do cemitério para com os jazigos de suas famílias. No entanto, há discrepâncias quanto a esta manutenção em comparação a outros jazigos, que costumam ser de famílias tradicionais de Belém ou dos chamados santos populares, que são pessoas que morreram e têm seus túmulos visitados anualmente por algum feito em vida conhecido ou por lendas e mitos no local.



Figuras 15 e 16: Grande contraste entre manutenção de jazigos e espaços no cemitério Santa Izabel, 02/11/19. Fonte: Elisa Gonçalves.

As visitas em grandes grupos eram feitas especialmente aos túmulos de santos populares, que eram limpos e enfeitados pelos fiéis que ali estavam em devoção. No cemitério de Santa Izabel, essa prática é bem comum em alguns dos túmulos das “almas milagrosas”.

Camilo Salgado, Crasso Barbosa e João Carlos Maciel, Moça do táxi, Diene Ellen, Marinaldo e Marivaldo e Severa Romana (Figura 17), são os grandes santos populares do cemitério, com histórias tristes e revoltas em cima de suas mortes tão impiedosas como veneno e assassinato. A devoção das pessoas diante desses túmulos é de rogar pelas suas almas e para que descansem em paz, por terem sofrido profundamente em vida, além de solicitar ajuda e preces. Este sentimento de empatia é bem comum no cemitério, bem como em outros atos que pude apreciar, como dividir as flores para que outra pessoa coloque no túmulo de seu ente, compartilhar um pouco de suas velas ou até mesmo rogar em conjunto pelas almas ali presentes.



Figura 17: Aglomeração de devotos no túmulo de Severa Romana, conhecida como milagrosa por estar grávida e ter sido assassinada, em 1900, a navalhadas, por se recusar a manter relações sexuais com o cabo Antônio Ferreira dos Santos. Fonte: Elisa Gonçalves.

Silva Soares (1986: p. 407 e 409) nos pontua que:

“A morte (...) é um dos temas mais difíceis de tratar, dada a sua complexidade e a ambivalência dos nossos sentimentos acerca dela. (...) Qualquer tipo de discurso sobre a Morte é cheio de ambivalência, de fugas, de condicionamentos e de contradições.” (SOARES, 1986, p.407)

O afastamento desses sentimentos reflete diretamente no afastamento da morte, funcionando como um mecanismo de defesa contra algo que não temos o controle, mas que registramos cotidianamente através do outro.

Os interlocutores carregavam vários sentimentos que se diferenciavam em tom e forma de sentir. Há mais adultos que crianças circulando pelo cemitério, sendo mais homens que mulheres, até mesmo entre os funcionários, o número de homens era maior. Os usuários sêniores contemplavam a maior parte dos transeuntes neste dia dos finados, que foram os respondentes que relataram tranquilidade em relação à morte, e por terem essa percepção, a calma em seus semblantes ao limparem o túmulo e até mesmo no momento das respostas era expressiva.

Capítulo 4: A institucionalização da morte e a construção de seu mercado

Mas não basta apenas refletir e analisar a morte como um tema vago e subjetivo, é preciso institucionalizá-lo, para que as pessoas sintam a necessidade, ou melhor, a obrigação, de zelar pelo ente que partiu. Com isto, a legislação torna-se um instrumento institucional para coagir os homens a cuidar da morte dos seus. A morte não é um problema do Estado, mas do próprio ser humano. O Estado, quando muito, apenas tutela os espaços para os quais serão destinados, isto é, os cemitérios, coloca Barcellos (2017).

No que tange o tema na legislação brasileira, é interessante citar as legislações de direito civil, que versam sobre os direitos dos cidadãos nas suas relações privadas e que definem o que seja morte. Por exemplo, segundo o artigo 3º da Lei nº 9.434/97 (BRASIL, 1997), que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências, a pessoa física deixa de existir no momento em que o cérebro não responde mais a nenhum estímulo vital (BARCELLOS, 2017).

Juridicamente, o fim da vida possui um marcador altamente preciso e objetivo: a morte encefálica. No que tange aos cemitérios, bem como a questão do sepultamento, este é transferido à tutela dos municípios, e cabe a eles, dispor sobre a administração dos espaços públicos destinados ao sepultamento, desde que, se submetam à fiscalização e ao licenciamento do órgão ambiental competente, como bem alude a Resolução nº 335 de 2003 (BRASIL, 2003), do Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA, sendo que neste caso, a regra é para todos os entes da Federação, sustenta Barcellos (2017).

Os cemitérios, em suas variedades, podem ser públicos ou privados. No município de Belém, por exemplo, a sua Lei Orgânica do Município no artigo 37 no inciso XXIII, estabelece que, compete ao Município regular os serviços funerários, administrar os cemitérios e fiscalizar os que pertencem às entidades particulares. E ainda há a Lei 6305/1967, que autoriza a venda de sepulturas, catacumbas e ossuários; estabelece novos critérios para suas vendas; cria taxa para prestação de serviços correlatos e dispõe sobre a concessão de perpetuidade de sepulturas nos cemitérios públicos da capital.

Toda a construção de espaços para sepultamento, cremação e velório de corpos ganhou força nas últimas décadas, quando a responsabilidade de lidar com a

morte também passou a ser social, não mais somente familiar. Com o crescimento dessa transferência, o mercado também influiu com várias possibilidades de despedidas, que variam desde enterros até formas de ainda estar em companhia do ente falecido, como o ato de guardar as cinzas ou, guardar dados genéticos em bancos de genes, que é uma novidade no mercado funerário com grande potencial de procura devido ao aumento de ofertas sobre a morte (ARAÚJO, 2012).

Essa busca por alternativas de ainda permanecer com algo de quem já faleceu, criando alternativas como a cremação, também é uma crescente, que parte, em significativa quantidade, da indústria funerária privada, uma vez que, bancar todas essas alternativas sai caro e segrega, por questões aquisitivas, os que precisam recorrer ao sistema funerário público. Na figura 17, percebe-se o estado de abandono de alguns destes espaços públicos em Belém.



Figura 18: Capela do cemitério Santa Izabel, com ricos elementos arquitetônicos e com valor histórico, mas em estado de abandono, 02/11/19, foto de Renata de Godoy.

A mercantilização da morte, apresentada por Araújo (2012), lida com as perspectivas de uma sociedade voltada para o consumo, e que até no período de

sepultamento e luto, explanam as individualidades do falecido, para que sejam ofertadas as melhores promessas de conforto por empresas que estão no ramo com o intuito de oferecer amparo neste momento, e ainda mais do que isso, oferecer tranquilidade no âmbito familiar, já que na modernidade, a morte passa a ser responsabilidade de grandes empresas que fomentam esse negócio.

A morte se profissionalizou. Uma vez morto, são as empresas funerárias as grandes interessadas pelo indivíduo. Se pensarmos o setor funerário, no sentido de oferta de serviços, até algum tempo atrás havia muito preconceito, pouca ou insignificante tecnologia, não tinha muita valorização, havia pouca informação e o trabalho era voltado apenas para o morrer, independente das circunstâncias e sem preocupação com os que ficaram. Hoje é tratado como um negócio como outro qualquer, mas com uma simbologia muito forte porque mexe com sentimentos, mexe com as pessoas num momento delicado. A cerimônia de despedida marca tanto quanto mais do que as outras, tais como o casamento, o batizado, etc., por isso não pode ser desprezada nem negligenciada. (ARAÚJO, 2012 p. 342)

O humor também passa a integrar este momento, e os investimentos no eufemismo sobre a morte só aumentam nos últimos anos, pois, suavizar a tensão desse momento com a melhor propaganda representa aumento nas finanças, algo fundamental na movimentação deste mercado bilionário. Com estes movimentos, a banalização da morte por uma lógica do consumo (BERNARDO e VELÁZQUEZ, 2016) se estende e assume espaços cada vez mais pessoas.

Uma falsa sensação de que tudo ocorrerá bem e sem preocupações, unida a uma estratégia de oferta-demanda no mercado, cria um leque variabilidade não só de serviços, mas de novas sensações diante da morte. A banalização se torna aparente, desde o reforço de propagandas até o novo olhar que se dá a cada serviço apresentado. A espetacularização do morrer (BERNARDO e VELÁZQUEZ, 2016) evidencia que, quanto mais distante ficamos desta tensão, menores são as intenções de desdobramentos para com ela, isto é, a entrega de resoluções sobre quaisquer demandas do falecido é terceirizada por uma série de serviços que mascaram as emoções, o seus impactos e seus resultados.



Figura 19: Propaganda da SINAF seguros. Fonte: Site brasilatalento.blogspot.com³

Empresas funerárias, cerimoniais, floriculturas..., todas estas empresas encontram-se numa disputa de mercado que cresceu nos últimos anos, pois transferiu-se uma responsabilidade que antes era familiar e agora passa a ser do Estado e depois, da empresa.

Numa época de consumismo desenfreado, a morte sofre um processo de mercantilização e propagação em série. Com isso, os rituais e manifestações ligados à morte deixam de ser tão importantes. No Estado pré-capitalista, as pessoas morriam em casa, sendo assistidas, no máximo, por um padre. Já na sociedade industrial, as pessoas vão morrer no hospital, cercada de médicos, aparelhos. E no Estado neoliberal, é a iniciativa privada que cuida da saúde das pessoas. (ARAÚJO, 2012, p. 343)

Um exemplo triste deste contraste entre público e privado, que tão bem reflete o problema da mercantilização da morte, foi observado em vários lugares do mundo em 2020. Em Belém não foi diferente. Após o início da pandemia da Covid-19, não só o sistema funerário entrou em colapso, como também, o sistema de sepultamento dentro dos cemitérios atingiu seu ápice. Dentro de todo esse contexto, todo o quadro de pessoal que faz essa estrutura funcionar também entra em exaustão (DW, 2020).

Os sepultadores, a limpeza do cemitério, a disponibilidade de covas e todas essas demandas foram pouco visualizadas neste momento. Os profissionais que fazem esses trabalhos estão tão expostos quanto todos os outros, uma vez que lidam

³ Disponível em: <http://brasilatalento.blogspot.com/2011/08/tai-um-exemplo-de-propaganda-que-cumpre.html>
Acesso em 30 de novembro de 2020.

com os parentes do sepultado contaminado, podem vir a lidar com o manejo do corpo caso haja rompimento do caixão, e tudo isso os expõe à gravidade de uma contaminação ao vírus que é pouco discutida para esse público. Presenciamos, perplexos pela mídia, o trabalho incansável destes profissionais, tão invisibilizados no nosso cotidiano, e os perigos a que eles se expõem diariamente. Assim como vimos o colapso de cemitérios em capitais brasileiras, como Manaus, que, ao lado de caminhões frigoríficos no entorno de hospitais no Brasil e no mundo, inclusive nos países desenvolvidos, mostrou a gravidade da doença que ainda não tem vacina, ou cura.

Saliento também o olhar de Suelene Pavão (2002) que analisou a morte, seu concebimento e visões dos mais diversos trabalhadores dentro dos serviços funerários e cemitérios disponíveis na grande Belém, nos quais buscou compreender, através da rotina destes trabalhadores, tão esquecidos, como este imaginário da morte se consolidava no simbólico, os colocando como protagonistas em sua pesquisa.

Quinágia Silva (2009: 246) em *E a tristeza nem pode pensar em chegar...* descreve como são vistos estes profissionais cemiteriais e frisa seu olhar sobre como são percebidos: “Aos eternos companheiros da morte jardineiros, lavadores de túmulos e coveiros deste cemitério são, pois, impostos a invisibilidade e o silenciamento. O mesmo tabu que recai sobre a morte e os mortos incide sobre eles.”

Ressalta, também, que a gentrificação também está presente neste espaço e que “Além de marginais, esses profissionais são também discriminados. Situam-se num espaço fronteiro: vivem da morte. Impuros e perigosos, são considerados socialmente inadequados. Em nome da higienização moderno-contemporânea, esses homens-tabus, assim como o lixo e os presos, devem ser expurgados do convívio social. Devem, portanto, permanecer fora da sociedade.” (QUINÁGLIA SILVA, 2009, p. 246)

A pandemia nos fez olhar para a morte com outros olhos, e então, as condições de morte ficaram mais visíveis, o sofrimento em todo esse período tornou-se latente, e com isso, naturalizar a morte como um alívio para um momento de tormento tem sido a melhor opção para muitas pessoas, e isso impacta diretamente na forma como lidamos e enfrentamos o luto, já que, em sofrimento, é sempre preferível cessá-lo.

Quando observamos o aspecto sobre as condições de morte, esse olhar se diferencia, uma vez que o sofrimento pede fim, e esse fim pode ser dado de inúmeras

formas, e a fomentação de novas discussões sobre a dignidade de se morrer vem aumentando. A eutanásia, que consiste em proporcionar uma morte indolor à pacientes com doenças incuráveis ou dolorosas, é um dos grandes debates globais e locais que vem crescendo ao longo dos anos. Trata-se não de proporcionar a morte como algo banal, mas sim, um alívio para estas situações em particular em que o próprio paciente pede o cessar de seu sofrimento. (MENEZES, 2004).

Norbert Elias (2001) em *A Solidão dos Moribundos* reforça o quanto estas pessoas são afastadas do convívio social, excluídas e escondidas. Menezes (2004) diz que “[...] minorar o máximo possível a dor e demais sintomas dos doentes e, simultaneamente, possibilitar maior autonomia e independência dos mesmos.” (MENEZES, 2004, p. 36). Afastar essas pessoas do meio social tem um propósito, pois, “O moribundo já não tem estatuto porque já não tem valor social (...)” (ARIÈS, 2000, p. 186).

A discussão consiste em muito mais que a morte em si, gira em torno do poder de escolher continuar sofrendo ou poder escolher morrer sabendo que, em muitas das vezes, aquela condição seria eterna, portanto, intragável em muitos aspectos. Atualmente esse movimento de retirada do poder de escolha do Estado para transferi-la ao indivíduo é a grande questão desse debate (MENEZES, 2004).

Ao negar e banir a morte, o poder age coerentemente: sabe que a liberdade do homem exige a existência da morte e que é esta existência – não temida – que impele a ousar e a não esperar. Sabe que é sobre o adiamento da morte do súdito que constrói sua própria superioridade. (RODRIGUES, 1983, p. 282)

Com isso, fomenta-se ainda mais os tipos de morte e em como ela já é posta para algumas pessoas que não tem a escolha de aceitá-la, como os pacientes terminais e idosos em casas de reabilitação ou asilos. Quando o Estado passa a dirigir e tipificar o que se encaixa ou não como passível de permissão para a terminalidade, a percepção de vida diante dos Direitos Humanos muda e modifica estruturas sociais e sentimentais sobre o papel da morte no coletivo e no individual, trazendo novas perspectivas e debates. (MENEZES, 2004)

Considerações Finais

O ser humano nasce sabendo das suas limitações, sabe que não é eterno e que sua condição existencial material terá termo. Entretanto, diante dessa realidade inexorável da vida, lhe restam duas posturas: viver de forma melancólica esperando o fatídico fim ou socializar seus medos e aceitar as regras culturais que sua comunidade impõe acerca da morte. Como o homem é um ser social, a opção mais coerente que segue é a de tornar o evento morte não um fim, mas um evento cultural.

E por ser um evento cultural, construído no seio de uma dada sociedade, a morte envolve ritos próprios, a depender das tradições em que se aceita. O sepultamento em cemitérios é um desses ritos. Mas o sepultamento em si não encerra o destino final do corpo sem vida. É um sentimento que acaba servindo como uma representação simbólica do encobrimento de um medo que está presente em todos nós, pois raramente alguém deseja morrer.

O sepultamento, embora seja uma manifestação cultural e um elemento social dotado, inclusive, da institucionalização jurídica; é, antes de tudo, um momento de autorreflexão do homem diante de sua finitude. A morte, mesmo que seja um medo inerente a todos, é um fenômeno geral que pertence a qualquer um, e, convencer-se a si mesmo de não sentir medo, é apenas uma das formas de escamotear ou ludibriar o verdadeiro sentimento do homem diante do fim, por isso é tão importante domesticarmos a morte. Como bem ensina Philippe Ariès, para afastarmos nossas angústias diante da finitude e nos iludir, ainda que momentaneamente, de uma possível imortalidade.

Os sentimentos mais expostos indicados pelos interlocutores foram tristeza, aflição, medo, angústia bem como, também foram ditos sentimentos positivos em relação a morte como conforto, naturalidade e passagem. Houve também pessoas que responderam não pensar sobre a morte ou não deliberar algum pensamento sobre sua ocorrência, e estas respostas foram intrigantes. Ter feito um panorama para constatar as respostas e perceber o porquê do medo, resposta de muitos dos meus interlocutores, para diante deste fato, foi marcante na análise de dados.

Começar a escrever antes da pandemia e concluir este trabalho durante a mesma foi impactante não só pessoalmente, mas visualmente e sentimentalmente. Descortinar as notícias, os arredores, as perdas constantes e o caos funerário e de saúde em que estamos, limitaram movimentos imprescindíveis para a continuação

desta pesquisa em outra etapa acadêmica, a pandemia impediu qualquer tipo de continuidade. Tenho a intenção de continuar a me aprofundar neste tema numa pós-graduação; sem restrições ou com medidas protetivas para minimizar a força deste momento.

Vivemos um Dia de Finados em 2020 com cemitérios fechados em algumas cidades, e com restrições em Belém. Desta vez, as pessoas foram impedidas de prestar suas homenagens, assim como foram limitadas a participar das cerimônias fúnebres de seus mortos. Os efeitos disso não serão sentidos hoje, mas em longo prazo. Se a morte é um evento inevitável, e se os rituais de despedida e de homenagem são parte da nossa cultura, o que significarão tamanhas restrições na saúde emocional de nós mesmos? Como ficam nossos mortos sem o cuidado dos vivos neste dia ritual? Quais as consequências mentais e emocionais para aqueles que não puderem fazer suas homenagens este ano? Na figura 18, notamos a dimensão material e precíval deste momento, uma forma dos vivos para se confortar daquela perda, e o cuidado dos vivos com seus mortos.



Figura 20: Ritual registrado com alimento, cemitério Santa Izabel dia 02/11/19, foto de Renata

de Godoy.

A escrita deste trabalho e a mudança de perspectiva a respeito da morte no antes e depois da Pandemia de COVID-19 foi gritante e me fez ter várias implicações a respeito de como passamos a lidar com a finalização da vida para além destas comparações que se tornaram frequentes durante esta escrita. Tal período de aprofundamento foi extremamente solitário e doloroso por exigir normalidade comportamental, de produção e saúde num momento de completa desestabilidade global.

É importante registrar também que, quando se pesquisa sobre morte, um grande enredo vem das artes, das poesias, da literatura, bem como também da filosofia, que contempla esta interrogação sobre o fim. Algumas outras áreas como a psicologia e psicanálise também nos retratam o processo psíquico desse evento. (BARRENTO, 2004)

No entanto, na Antropologia, a percepção cultural e sentimental, juntas, me possibilitaram visualizar aqui como um espaço para escrever sobre um processo que me é muito natural, respondendo à minha própria pergunta norteadora sobre o que sentir a respeito da morte. E diante de minha resposta e de investigações, pude perceber a variabilidade e fertilidade de concepções, e conseqüentemente, uma oportunidade de narrá-las.

A leitura de todas essas perspectivas precisou minha análise sobre o olhar de cada uma sobre o mesmo evento, e ainda que existam trabalhos de várias áreas sobre a morte em seu pleno significado. A Antropologia das Emoções, cujo tema se mostra cada vez mais presente nas grandes reuniões de Antropologia como a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) e Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) alavanca uma série de análises sobre a importância de se compreender os sentimentos socialmente dentro do campo da Antropologia das emoções. (VÍCTORA e COELHO, 2019).

A consolidação desta área no Brasil vem sendo construída nos últimos quinze anos por meio de várias associações científicas e produções em revistas, exemplo da Revista Brasileira de Sociologia das Emoções (RBSE), que segue sendo um espaço de produção pioneira dentro desta temática, e de fundamental importância na sua consolidação, promovendo espaços e escritas que possam contemplar investigações cada vez mais profundas sobre as emoções.

A oportunidade de leitura e possibilidade de contribuição com a área me enche os olhos para permanecer nesta escrita e estreitar meus laços com a morte e compreendê-la como um dos grandes momentos vividos individualmente e coletivamente. Dividir isso será entusiasmante e pessoalmente enriquecedor como pesquisadora e indivíduo social, para que, este espaço permaneça fértil e acessível dentro desta perspectiva natural deste acontecimento.

E como estudante das Ciências Sociais, observar todas essas perspectivas, trabalhar em campo e me encontrar como pesquisadora na Antropologia fez muitos de meus sentimentos fazerem sentido diante da pesquisa como cientista e como pessoa, e construir a escrita e conduzir este trabalho foi parte essencial em meu processo de maturação acadêmica e ponte para prosseguimento de tudo apresentado aqui.

Referências Bibliográficas

ANDRADE LIMA, Tania. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas no século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.2. p.87-150/ jan./dez. 1994.

ARAUJO, Rogério Bianchi de. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Habitus**. Goiânia: [s. n.], 2012. p. 341 - 353.

ARIÈS, Philippe. **O Homem Perante a Morte**. (Coleção "Biblioteca Universitária" n.º 47). Mem Martins, Publicações Europa-América, volume I, 2.ª edição, 2000.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

BARRENTO, João. Da morte livre. *In* **Ler** n.º 65. Lisboa, Fundação Círculo de Leitores, Inverno 2004/2005, pp. 45-47, 2004.

BARCELLOS, Carlos Alberto Kastein. Direito Funerário: Conceito, Competência e Breves Considerações sobre seus Princípios Informadores. **Acta Científica. Ciências Humanas** 2017; 26(2): 21-39.

BERNARDO, Yule Teixeira; VELÁZQUEZ, Carlos. A Banalização da Morte pela Lógica do Consumo. *In* **ANAIS DO XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – INTERCOM**, 18. Caruaru: Intercom, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.434 de 04 de Fevereiro de 1997. **Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências**. 1997; 04 fev.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente, Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA**. Resolução CONAMA nº 335 de 03 de Abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. 2003; 03 fev.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª edição. São Paulo: Global, 2001.

COELHO, Maria Cláudia.; REZENDE, Cláudia Barcellos. (org.). **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Faperj: 2011.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão**

psicossocial. In: **Est. Psicol.**, v. 11, n. 2, p. 209-216, maio/ago. 2006.

COSTA, Diogo Menezes. Estudos Mortuários em Arqueologia Pré-Histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social. **Habitus**, Goiânia, v. 10, n.1, p. 105-114, jul./dez. 2012.

DAMATTA, Roberto. 1979. Ritual in Complex and Tribal Societies. **Current Anthropology**, 20(3).

DE CASTRO, Mariana Ramos Neves; FONSECA DE CASTRO, Fábio. Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados. **Sociedade E Cultura**, 22(1). 2019.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). In:_____. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-263.

GUERREIRO, Emanuel. **A Ideia de morte: do medo à libertação**. *Diacrítica* [online]. 2014, vol.28, n.2, pp.169-197.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da emoção**, v.4, n. 12, p. 239-252, 2005.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.

MENEZES, Rachel Aisengart. **Em Busca da Boa Morte: Antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Coleção "Biblioteca Universitária" n.º 19. Mem Martins, Publicações Europa-América, 2.ª edição, 1988.

OIGMAN, Gabriela. "Tabu da Morte". In: **Cad. Saúde Pública**, v. 23, n. 9, set. 2007, p. 2248-2252.

PAVÃO, Suelene Leite. **Imaginário dos trabalhadores da morte**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade

Federal do Pará, Belém, 2002.

QUEIROZ, Ana Helena Araújo Bomfim; SOUZA, Ângela Maria Alves; PONTES, Ricardo José Soares. **Cuidado no final da vida: reflexões sobre a morte e o morrer**. Scientia. 2013; 1(2): 255-263.

QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2008. **O presente de Prometeu: contribuição a uma antropologia da morte (e da vida)**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS, Universidade Federal de Santa Catarina.

QUINÁGLIA SILVA, Érica. E a tristeza nem pode pensar em chegar... **Revista Antropológicas** 20 (1-2), 2009.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, R.; LEVINE, R. (ed.). **Culture theory: essays on mind, self, and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p.137-157.

SANTOS, Maria Carolina Alves dos. Morte e filosofia: sobre o desejo de imortalidade entre os gregos. **Trans/Form/Ação** [online]. 1996, vol.19, pp.185-193.

SOARES, J. A. Silva. 1986. Morte. (s.v.) in Roque Cabral et alii (Comissão Executiva). Polis. **Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado**. Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, volume 4, cols. 407-447. 1986.

STONE, Philip; SHARPLEY, Richard. Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective. **Annals of Tourism Research** 35(2):574-595.2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a morte: Pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas**. Org.: Ernst Ziegler. Tradução: Karina Jannini. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Cláudia. Antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos** 25(54), 2019.

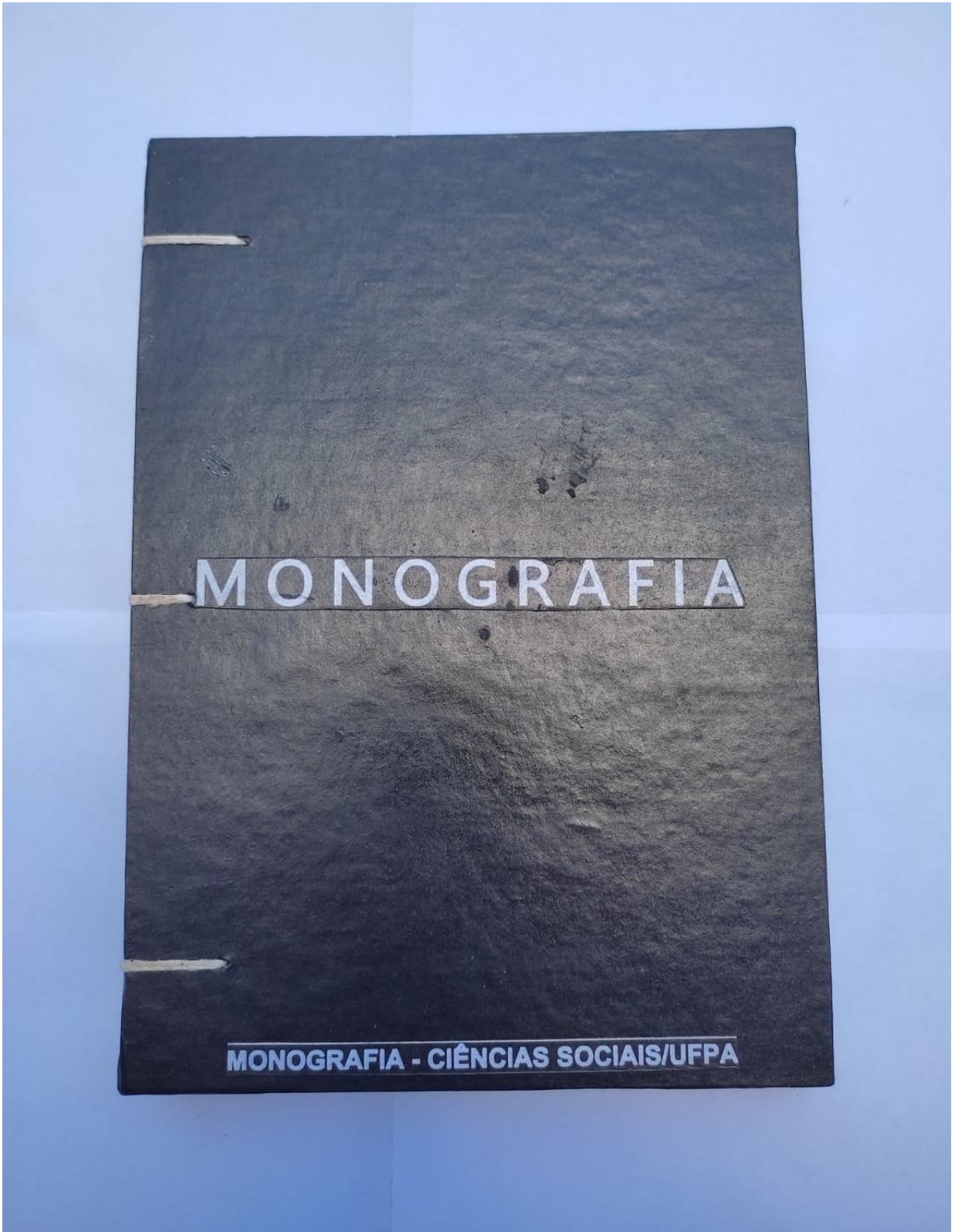
Outras fontes consultadas:

DW, 2020. Notícias-Brasil. Coronavirus – **Covid Iota hospitais e gera colapso**

funerário em Belém. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-19-lota-hospitais-e-gera-colapso-funer%C3%A1rio-em-bel%C3%A9m/a-53278521>. Acesso em 12/11/20.

O Liberal, 2019. Belém – **Sepulturas violadas se multiplicam no cemitério Santa Izabel.** Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/sepulturas-violadas-se-multiplicam-no-cemiterio-santa-izabel-1.183253>. Acesso em 10/11/20.

Anexos



Cadeens de Campo - Etrogokis - 02.11.2019

Comitêio Santa Izabel - 1870

Dia de Finados

Pergunta-problema: Quais sentimentos associam-se à morte?

1. (Visitante) Perda, medo de morte do outro, impotência diante da morte própria. Católica. (Orientadora)
2. (Visitante) Naturalidade, conforto por ter vivido o necessário. Idade: 86 anos. (Fez uma sessão em conforto)
3. (Visitante) Perda, sentimento de nunca mais. (Estava abatido, pois acabara de perder um ente)
4. (Visitante) Ausência, falta. Católica. (Fez breve na sessão e continuou no comitêio)
5. (Visitante) Ausência, voz. Católica. Idade: 44 anos. (Estava limpando um fúculo)
6. (Visitante) Tristeza, perda, perda, dor. Idade: 37 anos. (Expressou muitas emoções, todas negativas)

7. (Visitante) Or, não assimilava.
(Demonstrar não compreender a morte)
8. (Visitante) Normalidade, aceitações. Idade: 87 anos
(Discutiu as flores com outra senhora)
9. (Visitante) Desconho, paz, aceitações da morte.
(Estava em frente um túmulo fechado)
10. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 25 anos. (Alteio à morte)
11. (Trabalhador) Naturalidade, aceitações. Idade: 36 anos
Interlocutor (Escrevendo nome nos lapídes)
12. (Trabalhador) Medo. Sem religião. Idade: 23 anos.
(Limpendo alguns lapídes)
13. (Visitante) Passagem. Idade: 50 anos. Umbandista.
(Estava tapado de branco)
14. (Visitante) Passagem, morte como libertação.
Espírita. Idade: 37 anos. (Estava apertando o anel)
15. (Visitante) Liberdade. Idade: 35 anos. Espírita.
(Estava enfiando um túmulo)

16. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 23 anos. (Indiferente à morte)
17. (Visitante) Aflição. Idade: 34 anos. Católico.
(Expressou agonia pela morte)
18. (Vendedor) Processo natural. Naturalidade.
Idade: 66 anos. (Ajeitou velos para não queimar)
19. (Músico) Naturalidade. Católico. Idade: 89 anos.
(Toca saxofone)
20. (Vendedor) Processo natural. Naturalidade.
(Respondeu enquanto ia de casa de serviço)
21. (Trabalhador) Agonia, aflição.
(Estava tentando atender algum visitante)
22. (Transunte) Descanso. Católico.
(Enfermando com tumor)
23. (Vendedor) Aflição, agonia.
Interlocutor (vendendo flores - florista)
24. (Visitante) Aceitação. Evangélico. Idade: 48 anos.
(Visitando túmulos de parentes)

25. (Transeunte) Tranquilidade.
(Estava fazendo uma peça)
26. (Visitante) Processo natural, conforto.
Católico. (Estava se cansando respondendo)
27. (Trabalhador) Liberdade. Idade: 30 anos.
(Serviços Gerais - gelador)
28. (Transeunte) Desconto. Idade: 78 anos.
(Estava sendo pelas obras, os pontos)
29. (Visitante) Medo, tristeza. Católica.
(Estava num túmulo de um ente)
30. (Visitante) Dor, aflição. Idade: 39 anos.
(Perdeu ente há pouco tempo)
31. (Vendedor) Aceitação. Idade: 44 anos.
(Vendia velas com muita tranquilidade)
32. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 22 anos. (Alheio à ideia de morte)
33. (Vendedor) Aceitação, desconto. Evangélico.
Idade: 60 anos. (Vendia flores e velas)

34. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 22 anos. (Indiferente à morte)
35. (Trabalhador) Não pensa em morte. Sem religião
Idade: 19 anos. (Estava limpando os picles)
36. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 21 anos. (Distante e alheio.)
37. (Visitante) Aceitação. Idade: 40 anos.
(É comportava de maneira serena)
38. (Visitante) Ace, medo.
(Mostrou desconforto ao responder)
39. (Coveiro) Naturalidade com a morte do outro, aceitação de sua morte. Idade: 48 anos. Católico.
40. (Coveiro) Tranquilidade com a morte. Católico.
Idade: 45 anos. (Demonstrou conformismo)
41. (Trabalhador) Aceitação, naturalidade.
(Serviços Gerais / Zelador comunitário)
42. (Visitante) Azeite, medo. Idade: 60 anos
(É sentir desconfortável ao pensar sobre morte)

43. (Transeunte) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 25 anos. (Indiferente com a morte)
44. (Visitante) Passagem. Espírita. Idade: 51 anos.
(Enterrando um túmulo com flores)
45. (Visitante) Aceitação. Evangélica. Idade: 47
anos. (Acendendo velas para um túmulo)
46. (Transeunte) Medo. Católicos. Idade: 35 anos.
(A religião não emite tranquilidade)
47. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 22 anos.
(Estava acompanhando seus avós ao cemitério)
48. (Visitante) Medo. Idade: 63 anos.
(Ouvindo pelos sons populares)
49. (Visitante) Não pensa em morte. Sem religião.
Idade: 24 anos. (Acompanhando a mãe)
50. (Visitante) Medo. Idade: 33 anos.
(Dizia não ter vivido tudo que poderia)